

**UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS -**

**UNIPAC**

**DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**

**MARIA APARECIDA DE FÁTIMA DE PAULA TITONELLI**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM – UM ESTUDO COM**

**ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO**

**FUNDAMENTAL**

**BARBACENA - MG**

**2008**



**MARIA APARECIDA DE FÁTIMA DE PAULA TITONELLI**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM – UM ESTUDO COM  
ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação e Sociedade da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação e Transdisciplinaridade.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Bellini.

**BARBACENA  
2008**

## FICHA CATALOGRÁFICA

T621d

Ttonelli, Maria Aparecida de Fátima de Paula

Dificuldades de aprendizagem – um estudo com alunos das séries iniciais do ensino fundamental. / Maria Aparecida de Fátima de Paula Ttonelli. – Barbacena, 2008.

86f.

Orientadora Profa.: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Bellini

Dissertação (Mestrado Educação e Sociedade) – Universidade Presidente Antônio Carlos, 2008.

1. Aluno 2. Escola 3. Dificuldade de Aprendizagem 4. Fracasso Escolar I. Título II. Universidade Presidente Antônio Carlos.

CDD - 370.1523

**Maria Aparecida de Fátima de Paula Titonelli**

**Dificuldades de Aprendizagem – um estudo com alunos das séries iniciais do Ensino  
Fundamental**

Dissertação apresentada à Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Sociedade.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Sílvio Firmo do Nascimento (membro externo)  
IPTAN - São João Del Rei/ MG

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Bellini  
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

---

Prof. Dr. Sebastião Rogério Góis Moreira (membro interno)  
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Aprovada em 20/11/2008

Ao meu esposo, José Francisco, e filhas, Mariela e Isabela, que com carinho e paciência incentivaram-me e acolheram-me.

Aos meus pais, Sebastião Gabriel e Dalva Oliveira (*in memoriam*), que, com firmeza e propósito, educaram-me e fizeram-me determinada.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus desde o início de nossa caminhada. “Tu estavas conosco. Dias e noites se passaram. Vitórias foram conquistadas. Derrotas foram superadas. Amizades foram criadas. Conhecimentos foram adquiridos... e agora que alcançamos o nosso objetivo, viemos Te louvar, Te agradecer, Te oferecer, humildemente, a vida, o amor, a felicidade, enfim, a vitória deste momento. Obrigada, Senhor.” (Autor desconhecido).

Agradeço ao meu esposo, José Francisco Titonelli, e às minhas filhas, Mariela de Paula Titonelli e Isabela de Paula Titonelli, que me incentivaram e acreditaram que esse momento se concretizasse.

Agradeço a Universidade Presidente Antônio Carlos que, através de seus professores, propiciou um curso onde eu pudesse me capacitar rumo à satisfação plena de meus ideais profissionais e humanos.

Agradeço, enfim, as colegas de turma: Amaline, companheira de estrada, Maria Luiza e Eliane, que apesar das opiniões, pensamentos, visões e ideologias diferenciadas não vimos nessas diferenças um obstáculo, e tivemos a oportunidade de trocar experiências que guardaremos por toda a vida

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.

(Alves, Rubem. O Preparo do Educador, in: O Educador, Vida e Morte, 2002).

## RESUMO

As dificuldades de aprendizagem têm sido alvo de críticas, inquietação dos profissionais da área de educação e objeto de estudos, artigos e trabalhos científicos, na busca de compreender esse fenômeno e de levantar alternativas que minimizem o problema. No entanto, apesar dessas iniciativas, voluntárias, particulares ou vinculadas a sistemas governamentais, muito pouco se tem visto e efetivado como resultado. As dificuldades continuam para uma população de alunos estigmatizados como fracassados por causa das dificuldades que apresentam. O objetivo principal do estudo foi analisar as questões que levam ao fracasso escolar e que interferem na qualidade do processo ensino/aprendizagem. Após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da UNIPAC, iniciou-se a pesquisa de campo. A escola foi contactada, a direção, supervisão, professor, pais e alunos foram selecionados e deu-se início às entrevistas, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. A pesquisa foi realizada numa Escola Estadual do Município de Palma/MG, onde foram entrevistados três alunos do terceiro ano de escolaridade, seus respectivos pais e/ou responsáveis, o professor da turma desses alunos, a diretora e a supervisora da escola. O instrumento de investigação foi um questionário semiestruturado. As entrevistas foram realizadas, tendo sido registradas em fitas cassete e depois transcritas. Após a coleta dos dados, utilizou-se a abordagem qualitativa para a interpretação das entrevistas. Foram destacados aspectos relevantes sobre a avaliação na sua dimensão diagnóstica e mediadora, a importância das relações entre pais, alunos e escolas, fortalecendo vínculos e firmando parcerias.

**Palavras-chave:** Fracasso Escolar; Ensino Fundamental; Dificuldades de Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The difficulties of learning have been the target of criticism, concern of professionals in the area of education and the subject of studies, articles and scientific papers, seeking to understand this phenomenon and to raise alternatives to minimize the problem. However, despite the voluntary, private or government systems initiatives, very little has been seen as effective result. Difficulties continue for a population of students stigmatized as losers because of the difficulties they present. The main objective of the study was to analyze the issues that lead to school failure and that interferes with the quality of the teaching / learning. After approval of the research project by the Ethics Committee of UNIPAC, it started the field research. The school was contacted, the direction, supervision, teacher, parents and students have been selected and has begun to interview after the signing of the Free Informed Consent Term. The study was conducted in a State School of the City of Palma / MG. Where three students of the third year of school were interviewed, also their parent or guardians, the class teacher of these students, the director and supervisor of the school. The research instrument was a semi-structured questionnaire. The interviews were conducted, and was recorded on cassette tapes and then transcribed. After collecting the data, using the qualitative approach to the interpretation the interviews was analysed. Aspects were highlighted on the assessment in their diagnostic and mediator, aspects importance of the in relationship between parents, students and schools strengthening links and forming partnerships.

**Key words:** School Failure, Elementary school, Learning Difficulties.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização do Magistério
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PDE	Programa de Desenvolvimento da Escola
PIB	Produto Interno Bruto
PIP	Programa de Intervenção Pedagógica
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEB	Programa Especial de Formação de Professores da Educação Básica
SEE/MG	Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
PROCAP	Programa de Capacitação de Professores

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E FRACASSO ESCOLAR.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Um olhar sobre as dificuldades de aprendizagem.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 O fracasso escolar .....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 As políticas públicas da Educação e o fracasso escolar.....</b>	<b>26</b>
<b>2.4 Fracasso escolar: desafio à competência dos profissionais do magistério .....</b>	<b>31</b>
<b>3 A PESQUISA E SEUS PRIMEIROS RESULTADOS .....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 O campo da pesquisa: a escola e seu funcionamento.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 Possíveis explicações: depoimento da professora da turma.....</b>	<b>38</b>
<b>3.3 Fracasso escolar e a realidade sócioeconômica familiar: os depoimentos dos pais.....</b>	<b>42</b>
<b>3.4 Fracasso escolar: reflexo das variadas dimensões e depoimentos dos alunos.....</b>	<b>46</b>
<b>3.5 Fracasso escolar: resumindo.....</b>	<b>51</b>

<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICE A – CARTA PARA DIRETORIA DA ESCOLA.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE B – CARTA-CONVITE PARA PAI, MÃE OU RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA.....</b>	<b>62</b>
<b>APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS.....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO APLICADO A DIRETORA E A SUPERVISORA.....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO APLICADO ÀS PROFESSORAS.....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO APLICADO AOS PAIS, MÃES OU RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS.....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO APLICADO AOS ALUNOS.....</b>	<b>68</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O processo ensino-aprendizagem não se realiza senão com a presença de dois atores, o que ensina e o que aprende e implica a sua inserção no meio social, familiar e cultural de ambos. O educador é um dos elementos relevantes no processo de mediação do conhecimento, mas o educando, através do seu contexto de vida e nas suas interações, também exerce o papel de mediador de sua própria aprendizagem.

O processo, em questão, e seus resultados, quaisquer que sejam, sempre foram objetos de estudos no campo da Pedagogia, da Psicologia, da Sociologia, entre outras ciências. Pesquisadores e educadores têm-se debruçado sobre estudos variados, buscando entender como se processa o fenômeno da aprendizagem, como se promove a melhor qualificação e como, principalmente, se previne para que não haja o fracasso escolar.

O fracasso escolar é um fenômeno presente em muitas escolas públicas ou particulares. É certo que muitas delas não atuam de maneira produtiva e muitas vezes isto é justificado em seus métodos, na atuação de seus professores e nos erros dos alunos. Ao se afirmar que a maior qualidade de um professor é a de encantar seus alunos, talvez, numa visão romântica de educação, tenhamos um poderoso antídoto contra o fracasso escolar. Isto implica em se pensar no professor, na valorização e reconhecimento do seu trabalho, incluindo proporcionar-lhe melhores condições físicas e materiais de uma prática pedagógica eficiente. Por outro lado, implica, também, em um olhar mais compreensivo do educador para com o aluno, sobre a condição de sua infância, sua história e seu desenvolvimento.

Mesmo sendo a infância uma fase que pode ser definida como de variadas especificidades culturais, sociais, psicológicas e biológicas, são múltiplas as facetas que determinam as condições não só de ensino, como, também, as de aprendizagem, ainda que tais condições perpassem inúmeras categorias, como as de gênero, raça e classe social. Portanto, há que se preocupar com a questão das diferenças e como lidar com elas na escola.

De outra parte, é importante saber como os professores consideram a aprendizagem, como enxergam o seu próprio trabalho, como avaliam o seu método, sua prática e como analisam cada aluno na sua individualidade, na diversidade da sala de aula. Como se sentem os professores diante das questões que vivenciam no seu cotidiano, como estão preparados para o desempenho da função e como lidam com as situações que se apresentam. Vale ressaltar, para este trabalho, como percebem o fracasso de seus alunos, pois este problema ainda persiste nas escolas, especialmente as do Ensino Fundamental.

São muitos os professores que demonstram o quanto se sentem mal diante do fracasso de seus alunos. Tais professores são aqueles que procuram, incessantemente, nos cursos de aperfeiçoamento, novos conhecimentos, estratégias, e novas tecnologias. São professores que buscam vencer as dificuldades para promover o avanço de seus alunos, que os enxergam como pessoas merecedoras de amor, de carinho, de compreensão e que sofrem quando algum deles fracassa. A despeito disso, o fracasso escolar ainda está presente nas escolas.

Segundo Prado (2000, p. 49): “A repetência, o abandono e a evasão são problemas crônicos, sempre presentes na história da educação brasileira”. E completando, é no momento da avaliação que se detecta o fracasso escolar.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos Anísio Teixeira (BRASIL, 2003), algumas questões básicas do insucesso podem ser indicadas como, por exemplo, a dificuldade de aprender decorrentes de doenças, falta de motivação do professor, questões econômicas familiares que levam ao abandono da escola, dentre outras.

A situação atual justifica a necessidade de uma pesquisa que aceite o desafio de compreender o fracasso escolar, a partir de dificuldades de aprendizagem, já reconhecidas e manifestadas, vislumbrando caminhos para uma educação que tire o nosso país do lugar desonroso em que os dados do último Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) nos colocou.

Vale acrescentar que o PISA é um programa internacional de avaliação comparada, cuja principal finalidade é produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.

Segundo dados do PISA, no estudo Qualidade da Educação: uma nova leitura no desempenho dos estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental:

[...] Cinquenta e nove por cento dos alunos brasileiros chegam à 4ª série do ensino fundamental sem terem desenvolvido competências e habilidades elementares de leitura e 52% desses mesmos alunos demonstram profundas deficiências em Matemática (BRASIL, MEC/INEP, 2003, p. 21).

Tal informação tem levado gestores, especialistas e a sociedade em geral a se perguntarem: onde está o problema? No aluno? No professor? Na escola? Nos sistemas de ensino? Nas políticas, programas ou projetos educacionais? Nas condições de vida dos alunos e de suas famílias?

Ao se disseminar esses resultados, não se pode ignorar fatores que, indubitavelmente, entram na sua composição e que o documento aponta:

[...] é necessário observar as condições do sistema escolar, em nível nacional, regional e estadual. [...] a análise de dados sócio-econômicos dos indivíduos, das famílias, dos Estados, das regiões e do Brasil. [...] É importante conhecer um pouco mais as condições de vida dos estudantes e da escola que freqüentam, para que seu desempenho não seja considerado como atributo apenas individual, sem influência do contexto que os cerca, ou mesmo como produto somente da escola ou das escolas onde estudam. [...] A questão da qualidade de ensino não é algo simples que possa ser explicada somente por meio de uma variável ou de um conjunto de variáveis. [...] Todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem – alunos, famílias e escolas – influenciam os índices, compondo uma equação demasiado complexa (BRASIL, MEC/INEP, 2003, p. 23).

Conforme se percebe, a análise do contexto é de capital importância para a compreensão dos dados obtidos e os estudantes com desempenho abaixo do esperado, apontam para a ação de providências emergenciais.

Muitas vezes os estudantes freqüentam escolas em péssimas condições de infraestrutura, desprovidas de bibliotecas, de laboratórios de informática e de ciências, por exemplo, Seus professores recebem salários baixos, muitos deles com pouca qualificação profissional, sem oportunidades de melhorar sua capacitação, seja pela inexistência de políticas públicas para o setor, seja por falta de condições para atendê-las. O resultado do esforço de mudança será insignificante, enquanto essas estruturas não forem mudadas.

O objetivo geral deste trabalho foi analisar as questões que levam ao fracasso escolar e que interferem na qualidade do processo ensino/aprendizagem, sob a perspectiva dos sujeitos diretamente envolvidos. Os objetivos específicos que moveram esta pesquisa foram:

1. Compreender o fracasso escolar a partir de questões surgidas nas primeiras séries do Ensino Fundamental.
2. Analisar as atribuições de professores sobre as situações de fracasso escolar de seus alunos.
3. Contribuir para uma prática que visualize as questões sociais, culturais, familiares que permeiam os índices de fracasso escolar.

A partir desses objetivos, gerais e específicos, definiu-se a linha de ação deste estudo e elaborou-se a metodologia de trabalho.

A pesquisa foi realizada no Município de Palma, Estado de Minas Gerais, cuja área territorial é de 318 km<sup>2</sup> e, de acordo com o Censo Populacional 2000, possui 6.118 habitantes, segundo dados do IBGE (BRASIL, IBGE, 2007).

Ainda, de acordo com a mesma fonte, o Produto Interno Bruto (PIB) de Palma é de 23.393 mil reais e possui como atividade agrícola, o cultivo de cereais, leguminosas e oleaginosas em lavouras permanente e temporária. A pecuária conta com rebanho diversificado e a extração vegetal e silvicultura baseiam-se na madeira, lenha e carvão.

O cenário educacional no Município de Palma/MG indica que 663 habitantes possuem menos de um ano ou nenhuma instrução, por outro lado, 1.186 habitantes freqüentavam a escola na época do Censo.

Os dados retratam a educação no Município de Palma da seguinte forma:

Quadro 1: Síntese da situação educacional em Palma/MG, segundo IBGE 2007

<b>MODALIDADE</b>	<b>REDE DE ENSINO</b>	<b>Nº DE MATRÍCULAS</b>
Ensino Fundamental	Estadual	302
	Municipal	487
	Privada	35
	<b>TOTAL</b>	<b>824</b>
Ensino Médio	Estadual	243
Pré-Escola	Municipal	119
<b>DOCENTES</b>	<b>REDE DE ENSINO</b>	<b>Nº DE PROFESSORES</b>
Ensino Fundamental	Estadual	26
	Municipal	30
	Privada	04
	<b>TOTAL</b>	<b>60</b>
Ensino Médio	Estadual	14
Pré-Escola	Municipal	08
<b>ESCOLAS</b>	<b>REDE DE ENSINO</b>	<b>Nº DE ESCOLAS</b>
Ensino Fundamental	Estadual	02
	Municipal	04
	Privada	01
	<b>TOTAL</b>	<b>07</b>
Ensino Médio	Estadual	02
Pré-Escola	Municipal	03

Fonte dos dados: (BRASIL, IBGE, 2007).

Vale acrescentar que a Secretaria de Estado de Educação (SEE/MG) tem elaborado projetos e programas, considerados neste trabalho, para atender à essa demanda.

Se os órgãos governamentais criam, a cada dia, políticas de solução dos problemas educacionais e de avanço do conhecimento, se a questão principal é promover a igualdade de condições entre alunos de escolas públicas e particulares, de todas as camadas sociais, porque o Brasil, entre os 129 países classificados, ocupa o 76º lugar na lista dos países em relação à educação? E o que é pior, Brasil caiu quatro posições, pois já esteve no 72º lugar. Agora, ocupa posição intermediária juntamente com mais 53 países (UNESCO, 2008).

O presente estudo enfatiza a prática pedagógica e investiga as intersecções entre fracasso escolar e dificuldade de aprendizagem, buscando desatar os nós que confundem esses conceitos, buscando compreender o aluno na situação de fracasso escolar.

Para alcançar os objetivos propostos foi realizado um estudo qualitativo, baseado na análise dos dados obtidos de entrevistas com os sujeitos envolvidos neste estudo, e de pesquisas realizadas por estudiosos da questão do fracasso escolar, tais como: Patto (1999); Luckesi (2002); Hoffmann (2003); Griffo (2000; 1996) buscando contribuir para uma prática pedagógica de maior alcance, visando resgatar os alunos desta situação.

Foram sujeitos da pesquisa três alunos da terceira série do Ensino Fundamental, de uma Escola Estadual, do Município de Palma/MG que, apesar de dois ou mais anos de escolaridade, ainda não estão alfabetizados.

A abordagem escolhida foi a de cunho qualitativo, por seu reconhecido valor em estudar as questões relacionadas ao sujeito – seus sentimentos, motivações, dificuldades e atitudes.

Segundo Flick (2004, p.70):

[...] na pesquisa qualitativa, os pesquisadores e suas competências comunicativas constituem o principal “instrumento” de coleta de dados e de cognição, não podendo, por isso, adotar um papel neutro no campo e em seus contatos com pessoas a serem entrevistadas ou observadas.

Assim é que foram realizadas entrevistas, baseadas em questionários semi-estruturados, previamente elaborados, e se procurou ouvir de maneira crítica e, ao mesmo tempo, analítica os alunos selecionados por indicação do professor da classe de terceiro ano de escolaridade, com base no desempenho escolar, buscando compreender como eles se percebem no processo escolar, em relação aos seus sucessos e fracassos.

A entrevista foi utilizada como técnica para a coleta de dados, em conversa informal,

com o objetivo de construir uma relação pesquisador/entrevistado, mantendo vínculo de conhecimento, pois os primeiros contatos já haviam sido mantidos quando em visitas anteriores à escola. Buscou-se, também, assegurar as seguintes características: interação e diálogo entre pesquisador e entrevistados, interação entre ação, palavra e contexto da pesquisa, bem como interesse pela forma como os atores pesquisados constroem e dão sentido às suas ações (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Foram entrevistadas a diretora e a supervisora da escola, o professor da turma dos alunos informantes a fim de se compreender como é visto, por tais instâncias do universo escolar, o aluno que fracassa. Além disso, foram pesquisados os pais dos alunos selecionados, com a intenção de se conhecer possíveis caminhos do fracasso escolar dentro do contexto familiar e através da opinião deles sobre as próprias crianças, os professores e a escola.

A seleção dos três alunos se deu por indicação do professor responsável pela sala de aula, sendo escolhidos aqueles que apresentam mais dificuldades tanto na leitura, na escrita e na realização de operações matemáticas.

Smith et al. (1999, p. 45) descreve a entrevista como:

A oportunidade que o pesquisador tem para sondar profundamente, descobrir indícios, explorar novas dimensões de um problema e garantir relatos vividos, baseados na experiência pessoal e, com isso, entender como as pessoas constroem o significado e a significância das suas situações, de sua estrutura pessoal de crenças e valores, desenvolvidos ao longo de suas vidas, ajudando a explicar e prever eventos.

Foram realizados os seguintes procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa: inicialmente o contato com a escola, esclarecendo a diretoria acerca do projeto e pedindo a autorização para a sua realização. A seguir, por ter como foco da pesquisa o processo ensino/aprendizagem de estudantes que indicam fracasso escolar, sendo esses estudantes crianças de menoridade que juridicamente não têm autonomia legal para participarem de pesquisas, realizou-se com os pais/responsáveis dos alunos, professores das turmas, a direção da escola e sua supervisão, uma reunião, esclarecendo a respeito da pesquisa, de sua metodologia e de seus objetivos. Na oportunidade, solicitamos a assinatura dos pais no documento de consentimento livre e esclarecido, permitindo a participação de seus filhos no trabalho em questão.

Como se tratam de alunos que não lêem e não escrevem, cujo vocabulário ainda está em construção, bem como o encadeamento da linguagem, utilizamos como suporte o gravador para auxiliar no registro das entrevistas.

Posteriormente, os textos foram transcritos, a fim de serem melhor analisados.

A partir das entrevistas individuais, realizadas com os alunos, professores, diretora, especialista e pais/responsáveis, os dados foram analisados com a técnica de tratamento conhecida como análise de conteúdo.

A pesquisa pretendeu analisar as ponderações de professores, dirigentes, supervisores, familiares e, finalmente, alunos acerca dos fatores que possam ter contribuído para o fracasso escolar.

## **2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E FRACASSO ESCOLAR**

A escolha do tema deve-se a incessante preocupação da autora, dos profissionais da educação e de professores que se deparam, cotidianamente, com o fracasso escolar permeando os ambientes educacionais. Vale ressaltar que é um tema de interesse e preocupação para todos os implicados, direta ou indiretamente, com a questão, quer estudiosos ou leigos.

Os órgãos de divulgação, já há alguns anos, vêm ocupando espaço de discussão quanto às conseqüências do deflagrado fracasso escolar. Atualmente, este é tema de preocupação para a qualidade da educação pública pelo aumento de sua prevalência que vai se afunilando a cada modalidade de ensino, se estendendo desde a infância até a adolescência, fato que leva a nossa investigação às séries iniciais do Ensino Fundamental, em caráter preventivo.

Os fracassos percebidos influenciam diretamente no rendimento escolar, nas ações do grupo, no desempenho dos professores, enfim, na instituição “escola” como um todo.

Vale ressaltar que esses fracassos recebidos, herdados e/ou desenvolvidos na escola, têm suas origens em diversas fontes além da própria escola, podendo ser iniciados em outros ambientes sociais e, por extensão, acompanham o aluno na escola.

Segundo Menezes (2007), a Fundação Getúlio Vargas divulgou uma pesquisa que aponta dados bem interessantes em relação à educação no país: (1) o Rio de Janeiro é o estado do país com maior percentual de crianças e jovens entre zero e 17 anos matriculados: 79,8%; (2) o Distrito Federal é aonde os alunos passam mais tempo dentro da escola: 79% dos jovens ficam mais de 4 horas no colégio, e, foram esses alunos os que tiveram as melhores notas no exame que avalia o ensino médio; (3) o menor índice de alunos matriculados encontra-se no norte do Brasil; no Acre são apenas 65,1%, porque os jovens são tirados das salas de aula para trabalharem e, desta forma, ajudar no orçamento familiar.

As dificuldades financeiras da família brasileira levam o jovem a ingressar no mercado de trabalho ainda na idade escolar, consistindo essa necessidade em um dos motivos da evasão escolar. Contudo, o trabalho, ainda não é a principal causa. Ainda segundo Menezes (2007), apenas quatro por cento dos jovens entre 15 e 17 anos deixam os estudos por causa do trabalho. 80% dos jovens abandonam os estudos porque não querem mais estudar porque não se sentem motivados para fazê-lo.

Crianças, adolescentes e jovens sentem-se fracassados com o fracasso na escola. É preciso fazer alguma coisa para resgatar a qualidade e o sentido da educação.

## **2.1 Um olhar sobre as dificuldades de aprendizagem**

São identificados como processos mais naturais e espontâneos ao ser humano o ato de aprender e o de construir o conhecimento. Esses atos garantem a sobrevivência e o desenvolvimento do homem, pois ele aprende a engatinhar, falar, ler, escrever, sentir, pensar e agir dentre outros atos para a sua sobrevivência.

Segundo Olivier (2007), ao chegar à escola, por volta dos três anos de idade, na Educação Infantil, a criança, com a estrutura lingüística da fala, consegue expressar-se com frases completas. Consegue, também, relativa autonomia nas funções corporais, pois sabe comer, beber, evacuar sozinha e identifica-se com pais, irmãos, amigos e colegas. Demonstra coordenação em exercícios que envolvem pulos, corridas, impulso, lançamento, entre outros. Já faz alguns trabalhos manuais como pinturas, desenhos, recortes e utiliza tesoura, régua, pincel, aquarela. Ainda demonstra dependência materna e medo de separar-se da mãe, mas também presta atenção às outras pessoas que a rodeiam. Torna-se mais sociável, curiosa, inclusive quanto à sexualidade e pergunta muito para satisfazer sua grande curiosidade.

O autor também fala das dificuldades que afetam a aprendizagem quando a criança demonstra pouca ou nenhuma coordenação motora; quando aparenta ter problemas na linguagem; gagueira; troca excessiva de letras; dificuldades para dormir e de fazer sua higiene pessoal; insiste em usar chupeta e/ou recusa-se a largar a mamadeira, preferindo-a a outros alimentos; está sempre irritada; tem freqüentes crises temperamentais; mostra-se impossibilitada de separar-se da mãe e, se o faz, entra em pânico; mostra medo excessivo de estranhos e desinteresse por crianças da mesma idade.

Na aprendizagem escolar institucionalizada não é diferente. Nela o pensamento, a percepção, as emoções, a memória, a motricidade e os conhecimentos prévios fazem parte de uma intensa atividade mental, que participa do processo que conduz à aprendizagem enquanto ato prazeroso de aprender. Porém, quando esse processo apresenta alguma distorção daquilo que se espera e que se evidencia em cada indivíduo, começam a surgir as dificuldades de aprendizagem, o que ocorre em qualquer etapa da vida.

Pode-se definir aprendizagem como uma gama de conhecimentos e/ou experiências

processadas pelo indivíduo, e que podem ou não ser comportamentalizadas por ele. Nem todos os comportamentos do indivíduo são aprendidos, pois muitos dos reflexos são independentes da aprendizagem, como por exemplo, o recém-nascido apresenta determinados comportamentos que não dependem da aprendizagem, tais como o reflexo da sucção, da marcha e dentre outros. (VIGOTSKY et al., 2001).

Contudo, grande parte do comportamento humano ocorre em função da aprendizagem. No entanto, o indivíduo não necessariamente comportamentaliza algo aprendido, como por exemplo o aluno que conhece as normas da escola, sem, contudo, atendê-las integralmente.

Segundo Weiss (2000, p. 74):

[...] a aprendizagem normal dá-se de forma integrada no aluno (aprendente), no seu pensar, sentir, falar e agir. Quando começam a aparecer "dissociações de campo" e sabe-se que o sujeito não tem danos orgânicos pode-se pensar que estão se instalando dificuldades na aprendizagem: algo vai mal no pensar, na sua expressão, no agir sobre o mundo.

Ao se perceber que o aluno apresenta dificuldades em sua aprendizagem, muitas vezes é porque ele começa a apresentar desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, agressividade, entre outros comportamentos. A dificuldade acarreta sofrimentos e nenhum aluno apresenta baixo rendimento por vontade própria.

Pode ser definido como problemas de aprendizagem, todas e quaisquer variáveis que bloqueiam ou dificultam seu processo. Vale ressaltar que o que pode ocasionar obstáculos ou problemas para a aprendizagem num dado espaço sócio-cultural, pode não ocasionar em outro (OLIVIER, 2007).

Detectar problemas de aprendizagem é uma das tarefas do professor, porque é ele, principalmente, quem conduz e promove o processo da aprendizagem formal, e quando esta não ocorre da maneira esperada, é o professor quem tem melhores condições de perceber e intervir procurando evitar que se efetive no fracasso do aluno, pois, as dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas uma das causas que podem conduzir o aluno ao fracasso escolar. É importante atentar para o fato de que o fracasso do aluno também pode ser entendido como um fracasso da escola.

Neste contexto, a educação tem por pressuposto não apenas ensinar, mas propiciar a transformação da realidade social do próprio educando. Partindo desse pressuposto, uma Educação de qualidade deve levar em consideração os conhecimentos e as experiências do

aluno. A aprendizagem deve ser centrada no aluno, no processo que leva ao aprendizado e não, simplesmente, no conteúdo programático e nos resultados quantitativos que ele apresenta como rendimento escolar.

## **2.2 O Fracasso Escolar**

Alguns educadores pensam que as crianças das classes populares são carentes de cultura e por isso possuem deficiências cognitivas e emocionais. No entanto, o fracasso escolar tem raízes tanto na desigualdade social quanto em mecanismos internos à escola (ARROYO, 2003).

Mais uma vez se evidencia o aluno que tem menos oportunidades e menor acesso a um ambiente propício à aprendizagem. Porém, esquece-se que esse aluno, assim como todos os outros, tem suas raízes, traz seus conhecimentos e habilidades desenvolvidas no convívio com os seus e no meio onde vive. Se houve falha, esta deve ser avaliada como resultado de um processo que se estende tanto às suas primeiras experiências quanto também à escola por não aproveitar tudo aquilo que ele traz de bagagem cultural e tudo aquilo que ele já experienciou fora da escola.

Neste contexto, a educação tem um papel fundamental não como uma opção técnica para instruir, mas como promotora de mudanças que devem acontecer no mundo da escola.

Nesta perspectiva é preciso pensar nas concepções de educação e, por consequência, de escola.

Partindo do pressuposto que a função da escola não é apenas ensinar, modificações deveriam ocorrer em toda a sua estrutura. Isto significa que um projeto político-pedagógico de qualidade é aquele que aponta indicadores para a realização do processo educacional, garantindo-se a equidade (BRASIL, PCN/MEC/SEF, 2001).

Destaca-se nesse processo a importância da pesquisa e de se levar em conta os conhecimentos e as experiências dos alunos. Neste caso, a aprendizagem tem sua prioridade centrada no aluno para compreender melhor o fracasso escolar.

Esse aluno que fracassa não é melhor nem pior, ele é apenas diferente e a escola não está preparada para trabalhar as diferenças.

Um dos mais graves problemas do sistema escolar brasileiro é o fracasso escolar, principalmente dos alunos menos favorecidos, o que constitui sua maioria.. O fracasso escolar

se evidencia pelo grande número de reprovações nas séries iniciais do Ensino Fundamental e a evasão escolar como conseqüência, pois, as dificuldades escolares não superadas comprometem o prosseguimento dos estudos.

É muito comum os professores justificarem as dificuldades dos alunos na alfabetização e nas demais matérias pelo pouco esforço do aluno, imaturidade, problemas emocionais, falta de acompanhamento dos pais. É verdade que esses problemas existem, mas nem por isso é correto colocar toda a culpa do fracasso nos alunos e nos pais.

Se o meio social em que vive o aluno não pode prover boas condições para seu desenvolvimento intelectual, os organismos governamentais e os profissionais da educação devem procurar propiciar um ambiente escolar que motive e estimule o educando. A função da educação é muito maior do que ensinar a ler e escrever, mas volta-se para o aprimoramento do educando e transformação de sua realidade sócio-cultural.

Estado, escola e professores, pais/responsáveis e alunos todos têm sua parte a cumprir na luta contra o fracasso escolar. A aprendizagem é um processo que envolve uma série de realidades pessoais, ambientais e estruturais. Quando um aluno fracassa, foi, certamente resultado de todo o sistema. É equivocado buscar “quem cometeu erros“. A busca deveria ser no sentido de compreender o desenvolvimento do processo do aprender do aluno e caminhar com ele provendo as experiências necessárias para o que se pretende alcançar.

Nesse aspecto é importante que o currículo desenvolvido pela escola esteja em permanente sintonia com o mundo e com a vida. Numa nova concepção de escola, o trabalho pedagógico deve ser desenvolvido coletivamente, ou seja, com o envolvimento e comprometimento de todos: profissionais da educação, alunos, pais/responsáveis, e com a parceria da comunidade.

Qual aluno consegue repetir, por duas ou três vezes a mesma série, vendo seus colegas darem continuidade enquanto ele fica para trás? Qual aluno, obrigado a trabalhar, ou por morar longe da escola, consegue resistir por longos anos do Ensino Fundamental sem abandonar a escola? Qual aluno, tentando ser persistente, não se evade depois de notar que é tudo igual e que o final vai ser sempre o mesmo? Enquanto não se interromper o processo, o ciclo vicioso da multirrepetência, do abandono e da evasão escolar.

Deve-se levar em conta, também, que esses fatores podem ser conseqüência de um outro processo - o avaliativo. Masetto (2003, p. 149) destaca que “[...] não estamos acostumados a ver a avaliação como incentivo à aprendizagem e sim como identificadora de resultados obtidos” (MASETTO, 2003, p. 149). Enquanto essa visão distorcida da avaliação

não mudar, as conseqüências serão, ainda, multirrepetência, abandono e evasão. Abramowicz apud Pellegrini (2001, p. 23) alerta que “a maneira como uma escola avalia é o reflexo da educação que ela valoriza”.

Hoffmann (2003, p. 27) traça as características da avaliação que se pratica, hoje, nas escolas:

A avaliação [...] vem sendo considerada um ato penoso de julgamentos de resultados. Essa concepção, consciente ou inconsciente, transformou-se e sedimentou-se numa prática coletiva angustiante, embora exercida pela maioria. [...] Reduzem a avaliação a uma prática de registro de resultados acerca do desempenho do aluno em um determinado período.

Ante ao fracasso e inadequação do método quantitativo da avaliação escolar, modernamente, os profissionais da educação vêm se adaptando ao método qualitativo de avaliação escolar.

Pelo método qualitativo da avaliação escolar, a aprendizagem passa a ter maior ênfase e o aluno torna-se o centro do processo. Daí, a avaliação da aprendizagem deve ser realizada mediante o trinômio: compromisso de professor X ensino X aprendizagem do aluno. Segundo Luckesi, a avaliação da aprendizagem é um ato amoroso, um ato acolhedor, integrativo e inclusivo: “Deste modo, o educador é aquele que acolhe, nutre, sustenta e confronta o educando, tendo em vista oferecer-lhe condições para que construa e siga seu caminho com criatividade e independência”. (LUCKESI, 2002, p. 68).

A avaliação, vista desta forma, orientando o aluno na construção dos seus caminhos, respeitando o seu tempo, suas condições e seus limites, vai dirimindo os obstáculos e minimizando as dificuldades de aprendizagem.

O autor também destaca que a qualidade é que deve permear o ato educativo.

O acesso e a permanência na escola, assim como qualquer nível de terminalidade (em termos de anos de escolaridade), nada significarão caso não estejam recheados pela qualidade do ensino e da aprendizagem [...] pela apropriação significativa de conhecimentos que elevem o patamar de compreensão dos alunos na sua relação com a realidade (LUCKESI, 2002, p. 65).

Para Luckesi (2002, p.22): “Aprovação é conseqüência da aprendizagem, por isso, o que nós temos que buscar é a aprendizagem e é para isso que serve o processo avaliativo”.

Pode-se afirmar que, se seguidos os passos na intenção de uma prática diferenciada acerca do processo de ensino e de aprendizagem, poder-se-ia acompanhar o aluno em suas defasagens a fim de superá-las.

Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários (LUCKESI, 2002, p.80).

Com a abertura da escola para as classes populares, o fracasso escolar, enquanto fenômeno social e educacional se evidencia, uma vez que a ampliação do número de alunos não tem correspondido necessariamente ao incremento qualitativo seja em número de escolas e de professores, seja em condições melhoradas para o trabalho educativo.

No Brasil, com a legislação educacional oficial privilegia-se a expansão escolar através do aumento do número de escolas, da obrigatoriedade e gratuidade do ensino, e a partir da Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 surge, também, modificações na organização escolar, a instituição de novas propostas pedagógicas e o investimento na capacitação de professores.

Sendo o fracasso escolar o fator que evidencia o insucesso do processo educativo escolar, volta-se para ele toda a preocupação e busca-se a explicação desse fenômeno.

Desta forma, muitos pesquisadores dedicam-se a pesquisas sobre o tema, pautando-se na distância que separa a realidade das intenções da legislação pertinente que instituem reformas educacionais objetivando a ampliação do acesso à instrução e garantindo esse direito a todos.

O quantitativo de crianças que passam anos na escola e não aprendem a ler e escrever e o daquelas que abandonam a escola, antes de concluírem as séries iniciais da escolarização, provocando evasão escolar, cresce a cada ano.

As altas taxas de fracasso no ensino público de forma persistente sinalizam que há algo de errado e, por isso, há necessidade de medidas emergenciais.

Uma das hipótese para justificar o fracasso escolar recai na idéia de que as pessoas possuem dons e aptidões inatas, isso na década de 40 e 50. Segundo esse ponto de vista, o que determinaria o maior ou menor sucesso na vida escolar, seria o nível de inteligência do aluno e o alcance de suas capacidades pessoais.

Essa concepção, que ficou conhecida como a ideologia do dom, sugere que a causa do fracasso escolar está nas diferenças individuais, ou seja, é o aluno que fracassa e, se ele fracassa, é porque lhe faltam as condições básicas para a aprendizagem. A escola oferece oportunidades iguais para todos. O desempenho de cada aluno, por sua vez, depende exclusivamente de sua inteligência, de seu talento e de suas aptidões inatas (SOARES, 2002, p. 53).

Essa teoria do “dom” encontra-se até hoje muito presente na educação, embora a pretensa verdade de seus pressupostos tenha sido abalada quando se evidenciou, a partir da ampliação do acesso das camadas populares à escola, que as diferenças não ocorriam, apenas nesses indivíduos, mas entre grupos de indivíduos, tanto entre os grupos social e economicamente privilegiados quanto entre os grupos desfavorecidos ou não. Há um questionamento que é constante entre os professores: os alunos pobres são sempre os menos capazes, os menos inteligentes? Os mais dotados, os mais aptos pertencem sempre às classes privilegiadas? Por que o fracasso escolar atinge, predominantemente, os alunos das camadas populares?

Para essa pergunta, surge uma nova teoria que tenta explicá-la – a ideologia da deficiência cultural, que surge nos Estados Unidos, na década de 60, que apontou para um momento político sensível às desigualdades sócio-econômicas das minorias. Para reversão desse quadro é necessária a implementação de medidas de integração social, capazes de compensar a marginalização dos mais pobres. Por isso, durante toda essa década tentou-se explicar cientificamente a desigualdade (SOARES, 2002).

Essa corrente preconiza a idéia de uma vantagem cultural das elites, em contraste com a inferioridade e a pobreza das classes populares que não têm acesso aos saberes dos mais doutos. O fracasso escolar se explicaria pelo déficit cultural dos alunos. O meio em que as crianças pobres vivem priva-as das condições favoráveis, tanto ao desenvolvimento físico, privação alimentar e afetiva, quanto ao cognitivo - estimulação sensorial, perceptiva, social, contato com experiências diversas, objetos culturais e de comunicação.

Chegou-se a considerar que a causa mais relevante do fracasso escolar seria a deficiência linguística dos alunos, também das camadas populares. Segundo a Psicologia Cognitiva, o desenvolvimento do pensamento é decorrente do desenvolvimento da linguagem. As deficiências linguísticas das crianças seriam, portanto, o fator que impossibilita o desenvolvimento do pensamento lógico-formal. Desta forma, o fracasso escolar encontraria explicação no déficit cognitivo do aluno, originado em seu déficit linguístico (MESQUITA, 2002).

Como explicação do fracasso escolar, a hipótese da deficiência cultural encontrou sérias objeções. Falar de deficiência equivale a falar de falta e ao mesmo tempo falar de ausência de cultura. Vale ressaltar que, levando-se em conta que não existe grupo humano que não tenha uma cultura, as Ciências Sociais e a Antropologia derrubam essa tese.

Portanto, não se pode falar de culturas superiores ou inferiores, e sim de uma diversidade de culturas, de culturas diferentes, cada uma delas com uma estrutura coerente e complexa.

Pode-se afirmar que essa ideologia continua presente em nossos dias. Ela está difundida na prática das escolas e dos professores, que, em seu nome, oferecem, sem constrangimento educação em níveis quantitativa e qualitativamente inferiores para as camadas populares, e usam, correntemente, para caracterizar os alunos integrantes dessas camadas, expressões como “carência afetiva”, “falta de desenvolvimento psicomotor”, “incapacidade de discriminação visual e auditiva”, “vocabulário pobre”, “erros de linguagem”, “baixo nível intelectual”, “comportamento social inadequado” (SOARES, 2002).

À inadequação da teoria da deficiência cultural para explicar o fracasso escolar sucedeu a explicação baseada nas diferenças culturais que, em vez de desqualificá-las, estes estudos evidenciam características, não melhores nem piores, de riqueza, organização e coerência das culturas de diferentes grupos populares, procurando compreender essas diferenças, na sua singularidade.

As dificuldades escolares por parte dos alunos, muitas vezes, se originam no tratamento dado pela instituição escolar às suas diferenças culturais e linguísticas. Na medida em que a maior parte dessas diferenças não é do conhecimento da escola, esta não as leva em conta, ao organizar e implementar o processo de ensino e aprendizagem. Assim, as pesquisas desenvolvidas no sentido de favorecer a compreensão das diferenças têm sido fundamentais, não apenas para questionar e derrubar o mito da deficiência das crianças das camadas populares, mas também para fazer emergir novas questões sobre as alternativas para reconhecer e valorizar as experiências dos alunos e, ao mesmo tempo, garantir-lhes o acesso aos conhecimentos mais valorizados pela sociedade.

## **2.3 As Políticas Públicas da Educação e o Fracasso Escolar**

A educação, como uma política social, visa atender a um dos compromissos básicos da política pública: o acesso ao saber socialmente produzido.

De acordo com Neves (1984, p. 9):

O desenvolvimento dos sistemas educacionais no mundo contemporâneo, quer em termos quantitativos - expansão de vagas no sistema escolar, reorganização hierárquica em níveis e ramos de ensino -, quer em termos qualitativos - conteúdos curriculares, métodos de ensino e produção do conhecimento em novas áreas do saber -, tem na nova relação ciência/trabalho e ciência/vida um dos seus determinantes essenciais.

Pode-se afirmar que a própria política pública encontra-se entre os determinantes do fracasso escolar. Assim, a reversão desse quadro requer da política educacional resistência aos interesses privatizantes e compromisso com a construção de uma escola pública capaz de garantir menos desigualdades.

Nas últimas décadas houve avanços em termos educacionais através de novas Políticas Públicas, as quais têm adotado mecanismos para o combate ao triste quadro da Educação pública no país.

Várias propostas foram adotadas pelo Governo Federal, assim como pelo Estado de Minas Gerais e repassados para as Secretarias de Educação, visando dar suporte para a melhoria da qualidade da Educação no âmbito Federal, Estadual e Municipal, tais como, a Promoção Automática, os Ciclos de Aprendizagem e a Escola de Tempo Integral.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) integra o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e novas metas foram lançadas pelo governo, recentemente. A avaliação produzida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) leva em conta dois fatores que interferem na qualidade da educação: rendimento escolar (taxas de aprovação, reprovação e abandono) e médias de desempenho (INEP, 2003).

O objetivo do MEC, através dos índices e das pesquisas, é que todas as séries atinjam níveis educacionais de países desenvolvidos até a divulgação do índice em 2022: alunos do primeiro Ciclo do Ensino Fundamental devem sair de 3,8 para 6 pontos; estudantes do segundo Ciclo do Ensino Fundamental devem saltar de 3,5 para 5,5 pontos e alunos do Ensino Médio devem subir de 3,4 para 5,2 pontos. Vale ressaltar que a escala vai de zero a 10.

As escolas do país com as notas mais baixas, de acordo com o IDEB (2007), pertencem à rede estadual do Pará e ficam em Belém. A rede estadual do Pará tem 1.323 escolas, 28.305 professores e atende a 794.153 estudantes. As notas alcançadas pelas escolas e municípios de todo o país foram divulgadas pelo Ministério da Educação com o percentual registrado em 2006 (PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2007).

Segundo a análise do IDEB (2007), 26,2% das crianças brasileiras e jovens de zero a 17 anos não estudavam em 2004.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, responsável pelo estudo, afirma que houve melhora nos dados com relação a 2004, pois 24,2% das crianças e adolescentes com idades entre zero e 17 anos, em 2007, não iam às aulas (IBGE, 2007).

A situação é mais grave na região Norte, que tem 30,5% das crianças e jovens sem estudar. Já o Sudeste é quem tem o maior percentual da população em idade escolar nos colégios: 78,5%. Do total das crianças que não freqüentavam as escolas, 82,4% tinham de zero a seis anos, 4,6% de sete a 14 anos e 13% de 15 a 17 anos. Assim, ficavam fora do Ensino Fundamental um percentual de 4,6% (PNAD, 2007).

A merenda ou o lanche são estímulos para as crianças estudarem, principalmente para os mais pobres. Na rede pública, o percentual de pessoas que recebiam alguma refeição era de 97,4% para as creches, 97,2% para a pré-escola e 96,5% para o Ensino Fundamental. No Ensino Médio o percentual era de 58,9%.

A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) também se preocupou e se envolveu na busca de alternativas que equacionassem o problema. Após análise dos dados descritos pelo IBGE (2007), a SEE/MG lança o Plano de Intervenção Pedagógica (PIP), a partir de julho/2007, como conceito operativo, onde, segundo o slogan: “Sucesso do aluno, sucesso da escola”, mobilizou toda a educação estadual.

O objetivo do Plano era fazer uma revisão na prática pedagógica para melhorar o desempenho dos alunos. As ações foram desenvolvidas ao longo do segundo semestre letivo e tiveram como consequência uma série de experiências bem sucedidas. A iniciativa foi para atender a uma necessidade imediata e emergencial, porém, em decorrência dos bons resultados obtidos, a iniciativa transformou-se em um Programa para a melhoria da qualidade da educação no estado.

A partir do Programa PIP – Projeto Alfabetização no Tempo Certo – proporcionou melhora considerável no desempenho dos alunos na aquisição da linguagem e da escrita, ficando a ressalva que 19% dos alunos do terceiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ainda, inspiram cuidados, pois apresentaram baixo rendimento no ano letivo de 2007 (SEE/MG, 2007).

Um outro esforço importante para a melhoria da educação é o Programa Especial de Formação de Professores da Educação Básica (PROEB) criado, há 10 anos, exclusivo da educação mineira, para atender às exigências dos artigos 52 e 62 da LDBEN 9394/96, que

determinam a obrigatoriedade de formação superior aos docentes em exercício. Este programa aponta melhora considerável no desempenho dos alunos do quinto ano do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio (FORMENTI, 2008).

O sistema de ciclos ou séries é outro programa que, na sua proposta, busca o respeito às diferenças individuais e ao momento de cada um na educação, de modo a reduzir o fracasso e a evasão e garantir a todos uma educação de melhor qualidade. Porém, o que se viu na realidade do contexto educacional foi a dificuldade do professor, e até mesmo dos especialistas em educação, em entender e operacionalizar a sistemática dos ciclos nas redes de ensino oficiais.

As dificuldades operacionais dos educadores e especialistas em relação aos ciclos de aprendizagem verificam-se em diferentes níveis, como por exemplo, nas classes de alfabetização ou no primeiro ano de escolaridade, quando reprovam-se crianças que estão em processo de aquisição da escrita e da leitura sem levar em conta o estágio de desenvolvimento da criança.

No Município de Palma-MG, onde estão matriculados os alunos, cujos processos de aprendizagem foram acompanhados para a realização deste trabalho, a organização em ciclos proposta pela SEE/MG reorganizou a educação escolar em Ciclo Básico, Ciclo Intermediário e Ciclo Avançado.

O Ciclo Básico abrange os alunos dos sete aos nove anos de idade. É nesse Ciclo que são desenvolvidos os conhecimentos como: domínio de diversas linguagens; aquisição de novos conceitos; reconhecimento de formas, de proporções e relações; noções de espaço e tempo, saúde e preservação de vida; regras sociais, aquisição de valores (PROCAP, 2001).

O Ciclo Intermediário, segundo o mesmo documento, “é um dos mais difíceis para operar-se a transição da organização seriada para a dos ciclos”. Os motivos apresentados são os burocrático-administrativos e a tradição. O Ciclo Intermediário constitui um aprofundamento do Ciclo Básico, pois o grau de amadurecimento intelectual, afetivo e moral dos alunos, permite a abstração. É no Ciclo Intermediário que os alunos percebem que as disciplinas que estudam têm razão de ser fora da escola e que se relacionam entre si.

O Ciclo Avançado, que se dirige aos adolescentes a partir dos 13 anos, deve levar os alunos a: compreender e explicar fenômenos da natureza, fatos políticos e sociais; desenvolver experiências sociais e culturais; discutir conhecimentos científicos, arte, métodos próprios de determinadas ciências, entre outras habilidades e competências (PROCAP, 2001). Essa proposta oferece à escola fundamental uma forma mais aberta de reorganizar os tempos

e espaços de maneira a respeitar o ritmo do aluno.

É necessário também, em termos das iniciativas de políticas públicas, fazer menção ao Projeto Escola de Tempo Integral, proposta da SEE/MG, visando atender aos alunos que apresentam baixo rendimento escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas inseridas em áreas de vulnerabilidade social. As turmas devem se constituir de 25 alunos e a escola oferecer espaço físico adequado para o desenvolvimento do projeto.

Resumidamente, as orientações enviadas às escolas para a implantação do projeto nas escolas o descrevem da seguinte forma:

- A Proposta Curricular deve envolver atividades de Linguagem e Matemática, atividades esportivas, artísticas e motoras, e formação pessoal e social;
- As Atividades curriculares não disciplinares devem prover atendimento às defasagens de conteúdo do aluno;
- A Carga horária diária deve ser de 9 horas e 40 minutos, com intervalo para almoço de 1 hora e 40 minutos e 30 minutos para recreio;
- Os Recursos humanos, professores para as atividades de Linguagem e Matemática, devem ser indicados dentre os excedentes /designados/ e efetivos;
- A elaboração do projeto deve ser discutido junto à comunidade local;
- Deve haver a escrituração e registro nos documentos escolares das atividades do projeto, segundo orientações da SEE/MG.

O Projeto Escola de Tempo Integral conta com equipes Central, Regional e Local para sua devida operacionalização, cada uma na sua esfera de ação com responsabilidades específicas. Essa é mais uma iniciativa da SEE/MG para superar as dificuldades de aprendizagem pelas quais passam os alunos da rede.

A SEE/MG já efetivou várias tentativas de mudanças através desses projetos, contudo cabe perguntar em que medida eles foram efetivos em termos do incremento da qualidade do processo educativo na mesma proporção da expansão da escola para todos. Ribas fala sobre mudanças e o que ela julga ser necessário para que aconteça:

Toda mudança implica em rever conceitos ou pré-conceitos. É preciso vontade, compromisso, consciência e um começo. Penso que a educação é ainda um grande eixo articulador de transformação, deste que não exclua, nem rejeite cada sociedade, cada cultura. É preciso haver vontade política para que uma mudança no perfil educacional aconteça. É preciso mudar, mas mudar de verdade, sem “maquiagens”. Talvez seja este o momento de uma reflexão para se iniciar uma mudança profunda (RIBAS, [s.d], p.127).

## 2.4 Fracasso Escolar: desafio à competência dos profissionais do magistério

O fracasso escolar pode ser explicado, como foi visto anteriormente, sob vários parâmetros e a literatura, segundo os teóricos que abordam o tema, demonstra algumas de suas variantes.

Silva (1997, p. 32), de maneira incisiva, aborda quatro razões para o fracasso escolar:

1. A jornada hora/aula: Ao invés de aumentar o número de escolas, o sistema escolar diminui a jornada de aulas diárias, a fim de formar outros períodos, no que implica mais matrículas em um mesmo estabelecimento, quando é necessária a criação de outros. Isto significa que o escolar está sendo lesado com relação ao número de horas/aulas;
2. Não facilita a assistência ao aluno necessitado. O sistema escolar problematiza a aprendizagem em função das dificuldades nas realizações dos exames e dos encaminhamentos para atendimento médico-psicológico, quando necessário. Frequentemente são demorados ou nem mesmo ocorrem;
3. O sistema escolar amordaça a educação na medida em que não coloca dentro das escolas os especialistas em educação. Raramente encontramos pedagogos atuando, nas funções de: orientação educacional, coordenação pedagógica, ou administração escolar;
4. O sistema escolar não permite, não fornece espaço para atuação do orientador educacional, profissional que contribui para o bom desempenho do escolar. Tem a função de garantir a saúde emocional do educando, quer seja fazendo acompanhamento individual ou coletivo e, quando necessário, encaminhando ao psicólogo.

O autor apresenta algumas críticas que deflagram o fracasso escolar. As deficiências técnicas, inadequação metodológica, a precariedade das condições materiais, o ambiente familiar desestruturado, dentre outros fatores, também contribuem para o surgimento de dificuldades que acabam por refletir fraco desempenho escolar. Influenciam diretamente também o rendimento escolar do aluno as ações do grupo, o desempenho dos profissionais da educação, enfim, a instituição “escola” como um todo, tornando-se um grande desafio conduzir o processo educativo sem fracassos.

Patto (1999, p. 135) já descrevia o contexto educacional brasileiro, na década de 90, tal qual ele se apresenta atualmente:

De um lado, a escola precária como instituição de ensino; de outro, alunos vistos pelo filtro do preconceito racial e social de profundas raízes culturais; no meio, educadores desrespeitados pela política educacional; resultado: “a escola não aceita a criança como ela é e a criança não aceita a escola tal como ela funciona” (PATTO, 1999, p. 135)

Para tornar possível reverter essa situação é preciso que toda a escola esteja envolvida e se sinta responsável pelo êxito da aprendizagem. Ao professor, de início, cabe diagnosticar as dificuldades apresentadas pelo educando, esta é sua tarefa principal, a fim de auxiliá-lo na superação dos problemas. Às palavras de Patto (1999) se unem outras considerações como as de Brandão (2002, p. 48) quando declara:

O diagnóstico escolar é uma tarefa extremamente complexa, e podemos fazê-lo em vários níveis: (1) pedagógico: o professor deverá analisar os programas pedagógicos, ou seja, verificar se os objetivos e os conteúdos estão propícios em quantidade e qualidade; (2) do professor: o mesmo deverá analisar a sua metodologia e o clima emocional proposto em sala de aula; (3) da escola: o professor deverá analisar o ambiente psicológico envolvendo o corpo administrativo, o corpo docente e discente; (4) do aluno: o professor deverá analisar os aspectos sócio-culturais que provocam os problemas ou dificuldades de aprendizagem nos diversos aspectos físicos e psicológicos, procurando saná-los.

Esta tarefa é complexa e precisa envolver toda a escola. Afinal, é no sentido de atender ao aluno que a escola se justifica e em torno do qual suas ações deveriam ser definidas e avaliadas. A qualificação e a valorização dos profissionais do magistério constituem fatores primordiais para a transformação da realidade da educação brasileira, já que o nível do capital humano envolvido no processo de ensino reflete diretamente na qualidade do processo da aprendizagem e nas estratégias de ação que poderão auxiliar ou dificultar todo o processo. Por isso, se faz necessário a devida qualificação, bem como a valorização profissional nas suas diversas formas: remuneração, plano de carreira, assistência médica, entre outras, que vão atender às necessidades básicas do professor, refletindo naturalmente na sua atuação profissional.

Devido à complexidade da Educação e da própria sala de aula, exige-se competência como atributo preponderante ao profissional do magistério. Apesar de ser essencial, este não é o único requisito para que a aprendizagem seja efetiva e a superação das dificuldades dos alunos seja real. À competência, somam-se outros atributos: domínio do conhecimento específico; preparo técnico acadêmico; conhecimento das políticas públicas nacionais e da história da educação do país; envolvimento e comprometimento social com a comunidade na qual a escola está inserida; espírito de liderança e formação de opinião; senso de trabalho cooperativo e em equipes, entre outros. Unem-se nesse ideal o corpo técnico-administrativo-pedagógico da escola: o administrador/gestor escolar, o Coordenador e/ou Supervisor Pedagógico, o Orientador Educacional, o professor e demais funcionários em cumplicidade e parceria visando o sucesso do aluno e a superação das limitações detectadas.

## **3 A PESQUISA E SEUS PRIMEIROS RESULTADOS**

### **3.1 O campo da pesquisa: a escola e seu funcionamento**

A escola onde esta pesquisa foi realizada foi criada em maio de 1919, recebendo o nome do presidente da época o Sr. Artur Bernardes, para atender aos alunos da pré-escola a quarta série do Ensino Fundamental. Com o aumento da população, em 1976, o Conselho Estadual de Educação e a Prefeitura Municipal firmaram convênio, onde foi autorizado o funcionamento de quinta a oitava série.

A partir de 1986, foi autorizado o ensino de 2º Grau com as habilitações profissionais para o Magistério e Técnico em Contabilidade, atendendo a todo o Município.

Em 1996 deixa de funcionar os cursos com habilitações e passa a ser oferecida a Formação Geral e o Ensino Fundamental que foi municipalizado, porém continuou a funcionar no mesmo prédio até 2005.

Em 2004 passa a atender a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, 2º segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio, com uma clientela bastante diversificada social, econômica e culturalmente.

Segundo a atual supervisora, “a escola procura garantir aos alunos as habilidades e atitudes capazes de torná-los cidadãos críticos, criativos, participativos, inserindo-os numa escola onde se sintam respeitados, incentivando-os a aprender sempre, recebendo uma educação de qualidade” (Notas de campo, 2008).

A escola conta, hoje, com 16 funcionários e 32 professores, atendendo a 277 alunos no 2º segmento do Ensino Fundamental e a 251 alunos do Ensino Médio.

Em relação ao fracasso escolar, apresentam-se as respostas dadas pelos seguintes segmentos: direção, supervisão e magistério. Vale ressaltar que a diretora e a supervisora da escola fizeram questão de responder, juntas, à entrevista, afirmando que o trabalho das duas profissionais é integrado e que administração e supervisão escolar andam lado a lado. As respostas sempre começavam com a fala da diretora complementada pela supervisora, porém quando a pergunta era específica da parte pedagógica da escola ocorria ao contrário, a fala da supervisora vinha primeiro e a diretora era quem complementava.

Em relação à proposta curricular, a diretora e a supervisora afirmaram que é elaborada sob a orientação da Secretaria Estadual de Educação que atende a toda a rede estadual de ensino. Esta proposta é constituída pelos componentes curriculares da Base Nacional Comum previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 e organizada de acordo com as Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental e Médio e Educação de Jovens e Adultos do Conselho Nacional de Educação (CNE).

A organização da proposta acolhe todas as áreas de conhecimento e os componentes são ordenados quanto à seqüência e ao tempo necessário para seu desenvolvimento com objetivos, amplitude e profundidade de tratamento adequado às possibilidades e necessidades dos alunos. Estes componentes são organizados para desenvolver competências cognitivas, afetivas e sociais, priorizando a formação ao invés da informação. Enfatiza, também, a compreensão, a interpretação, a construção e a aplicação de conhecimentos.

Nesse sentido, é reafirmada, a importância de destacar o papel do professor como mediador de processo ensino-aprendizagem, sendo de sua responsabilidade “mobilizar conhecimentos e propiciar aprendizagem por meio de desenvolvimento de projetos e pesquisas, incentivando aos alunos a adotarem uma postura crítica diante da realidade e do saber historicamente produzido” (Notas de campo).

Esse trabalho é desenvolvido com o corpo docente com a ajuda dos especialistas Supervisor Pedagógico e Orientador Educacional.

A elaboração da proposta curricular data de dois anos, seguida de várias revisões e mudanças. Novas propostas, ações e medidas, através de projetos, foram acrescentadas para mudar a atuação da Escola, tornando-a um espaço de criatividade, inovação e de permanente construção do conhecimento.

Vale ressaltar que quase todos os professores participaram das reuniões de coleta de dados. A escola acatou opiniões e troca de experiências dos professores e dos profissionais da educação na reformulação da proposta curricular.

Houve na Semana Pedagógica a reformulação do Regimento Escolar, bem como estudo e reformulação do Plano de Curso, dos Planos Político (PPP) e Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE).

Segundo as informantes, a partir daí, os professores passaram a elaborar projetos, ações e atividades mais significativas, enfatizando a participação, a criatividade e, conseqüentemente, a qualidade em suas aulas.

No entanto, os professores reclamam pela indisciplina, pela defasagem

série/idade/conteúdos de aprendizagem e a falta de interesse de alguns alunos nas atividades em sala de aula bem como o descaso de alguns pais que não comparecem às reuniões escolares, ressaltando a vital importância dessa presença para o estabelecimento da parceria escola e família.

Segundo a Direção e a Supervisão Pedagógica, a proposta é muito boa, mas tem que haver participação ativa de todos os atores envolvidos, direta ou indiretamente, nas atividades curriculares e extracurriculares para que provoque impacto na melhoria do processo educativo buscando novas alternativas para elaboração de uma proposta que atenda às necessidades do aluno, com metodologias, recursos e procedimentos de ensino diferenciados. O que se pretende é viabilizar o desenvolvimento de suas capacidades, habilidades, atitudes e valores necessários ao prosseguimento do seu processo de escolarização.

A divulgação da proposta foi através dos Supervisores Pedagógicos das escolas, em material impresso, na forma oficial. Os professores que, por qualquer motivo, não participaram da elaboração da Proposta Pedagógica declararam que sentiam ter perdido tal oportunidade de crescimento e de troca de experiências. Até o momento continuam discutindo e revendo a proposta “porque a educação é um processo dinâmico e já não é mais possível ter como base um plano que data de dois anos atrás”, enfatizou a supervisora.

Diante das falas, percebe-se que a proposta, se executada com os recursos adequados, em cooperação com a família e o envolvimento dos alunos pode alcançar resultados satisfatórios.

Segundo a diretora, consegue-se traçar o perfil da clientela através do contato com a comunidade, o que poderia ocorrer, sistematicamente, em reuniões de pais e mestres, porém é difícil reunir os responsáveis.

Os que mais precisam comparecer são os que menos aparecem. “Os pais estão sempre apresentando desculpas de que trabalham, se a reunião for de dia ou que estão muito cansados, se a reunião for à noite. Houve, inclusive, a tentativa da participação dos pais, e até dos alunos, no primeiro momento do Conselho de Classe, porém, também, não deu certo porque eles nunca compareceram” (Notas de campo, 2008).

A diretora afirma, também, que os pais não frequentam a escola como poderiam, mas nos eventos festivos, tais como festa junina, festa da primavera, entrega de certificados, aniversário da escola ou emancipação política municipal, a participação é maior.

Quanto aos conteúdos programáticos a diretora afirma:

Os conteúdos são selecionados a partir dos níveis em que os alunos se encontram, a partir da dificuldade que eles apresentam, na tentativa de superar todos os tipos de defasagens. Porém, temos que admitir há um nó, não sabemos o quê, não sabemos aonde, mas sentimos que está faltando alguma coisa. Com todo esse investimento, com todo esse cuidado, com todo o planejamento e propostas, ainda nos perguntamos: por que o aluno não aprende? Por que a multirrepetência todos os anos? Por que o aluno tem tanta dificuldade para ler e interpretar? E por aí vão as nossas perguntas... (Notas de campo, 2008)

O desempenho dos professores deflagra diferenças individuais e perfis profissionais marcantes e distintos, mesmo atuando na mesma instituição. Porém, o que ocorre na realidade, mesmo respeitando as diferenças de cada um, alguns são desestimulados de participarem de cursos de aperfeiçoamento por falta de tempo ou mesmo de recursos financeiros.

Pelo depoimento da diretora escolar, percebe-se a sensação de impotência que atinge os profissionais da Educação diante do fracasso escolar, que envolve o fracasso do educando e da própria estrutura de ensino, apesar dos investimentos governamentais e dos novos projetos e metodologias de ensino. Com efeito, ela afirma:

[...] além dos investimentos financeiros do governo, temos projetos inovadores, tais como: o PIP, o Projeto da Escola de Tempo Integral, a organização em ciclos e demais alternativas que a SEE/MG elabora e oferece e que precisam ser postas em prática. No entanto, o processo ensino/aprendizagem envolve vários agentes, ou seja, especialistas, professores e alunos, portanto, não adianta focar somente a estrutura da escola, mas é primordial valorizar o potencial humano, responsável pelo material pedagógico que será colocado à disposição do aluno.(Notas de campo, 2008)

É fato público e notório a redução gradativa da remuneração do Magistério, o qual já não atrai bons profissionais. Assim sendo, parece-nos que a defasagem escolar tem como uma de suas causas a desvalorização do professor, pela perda do poder aquisitivo e até do mesmo do *status* social, que há algumas décadas era privilegiado.

Vale acrescentar que os investimentos públicos municipais na capacitação e atualização profissional são recentes, através das verbas vindas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), para os professores e todos os profissionais da educação.

O FUNDEB é fruto da Lei n.11.494, de 20/06/2007, que no art. 22 dispõe que pelo menos 60% (sessenta por cento) dos recursos anuais totais dos Fundos serão destinados ao

pagamento da remuneração dos profissionais do magistério da educação básica em efetivo exercício na rede pública. A outra parte destina-se à capacitação e atualização profissional em serviço.

A Lei magna da educação, LDBEN 9394/96, quase dez anos antes da Lei do FUNDEB, já destinava verbas para esse fim:

Art. 70. Considerar-se-ão como de manutenção e desenvolvimento do ensino as despesas realizadas com vistas à consecução dos objetivos básicos das instituições educacionais de todos os níveis, compreendendo as que se destinam a:  
I - remuneração e aperfeiçoamento do pessoal docente e demais profissionais da educação.

As atividades que a escola realiza, segundo a diretora, são rotineiras e não são muitas. Ela destaca duas: uma é a biblioteca ambulante, ou seja, um carrinho de supermercado que percorre as salas de aulas levando até aos alunos, segundo pedido das professoras, os livros paradidáticos que a escola recebe dos programas do MEC, das doações dos professores e da comunidade. “Quando a atividade de leitura é planejada tudo dá certo, alcançando os objetivos de hábito de leitura e do desenvolvimento da escrita convencional”.

Outra atividade é o uso do vídeo que é compartilhado nas turmas. A diretora declara que alguns vídeos não têm muito a ver com os conteúdos programáticos e levam muito tempo de exibição, dispersando a atenção dos alunos e provocando indisciplina.

A escola recebe, ainda em processo e com poucos recursos, alguns alunos com necessidades especiais, porém a escola não está preparada, nem na estrutura física, nem na acessibilidade, nem no atendimento pedagógico necessário. No ano letivo de 2008, iniciou-se a montagem de uma equipe multidisciplinar composta de Assistente Social, Psicólogo, Pedagogo e Psicopedagogo que dão apoio à escola. A inclusão é uma realidade que se aproxima cada vez mais, tendo que ser efetivada, por força de lei, a partir de 2009, mas as dificuldades são muitas e os desafios estão postos, segundo a diretora.

Segundo a supervisora, a ação pedagógica tem sua ação intensificada na área de acompanhamento e orientação para a prática docente, segundo exigências hierárquicas. No entanto, sempre que solicitado pelas professoras, esse serviço está à disposição para ajudar no que for preciso, dentro dos conhecimentos e limitações pessoais do supervisor. O Supervisor está sempre presente no dia-a-dia da escola e, por vezes, atua como diretor adjunto e até responde pela direção em certas ocasiões, o que constitui uma acumulação nem sempre saudável para sua atuação na área pedagógica.

O espaço para as reuniões pedagógicas, uma vez que não contam no calendário escolar, são raros. As falas, tira-dúvidas, trocas e novidades são expostas nos horários curtos de recreio, nos corredores, nos horários de entrada e de saída. Os problemas são discutidos nos Conselhos de Classe e os encaminhamentos são levantados nas visitas dos profissionais à escola. Os professores reclamam dessa total falta de tempo para reuniões pedagógicas nas unidades de trabalho (as escolas), porém, compreendem, ao mesmo tempo, que eles mesmos não estariam disponíveis para as reuniões porque trabalham nos dois horários e até em escolas de redes diferentes.

A presença do especialista em educação é também uma questão de importância nessa discussão. Algumas poucas instituições públicas, dentro de uma mesma rede, desfrutam dessa presença. É de fato um profissional de real apoio para o trabalho docente, portanto, deve constar em cada unidade da rede ou do sistema. A Supervisão Pedagógica é articuladora das idéias, dos planejamentos, dos eventos, das atividades.

O trabalho da Supervisão deve pautar-se na excelência e qualidade, objetivando aprimorar o desempenho do professor, e isso pode ser feito através das capacitações e orientações cotidianas, o que irá, conseqüentemente, melhorar o desempenho do aluno.

Concluindo, nos termos da direção e da supervisão, as diferenças fazem a demarcação entre as escolas. Tudo depende da comunidade onde a escola está inserida. É uma questão de hábitos, costumes, vivências da própria comunidade. Neste caso, as condições sociais são precárias. Muitas famílias dependem tão somente da bolsa-família, outras sobrevivem do salário mínimo dos pais, trabalhadores rurais, ou da aposentadoria dos avós que integram as famílias. Palma é um município rural onde predominam os hábitos da vida rural pacata e interiorana. As condições sociais constituem fator importante também para o afetivo, o comportamental e o cognitivo. Os alunos demonstram carência porque passam o dia todo sem a companhia dos pais que trabalham, e também demonstram agressividade, intolerância, impaciência e indisciplina em sala de aula, sendo dispersos, desatentos e desconcentrados, o que atrapalha diretamente na aprendizagem.

### **3.2 Possíveis explicações: depoimento da professora da turma**

A professora abordada pela pesquisa foi selecionada em função de atuar na 3ª série do ensino fundamental e ser professora dos três alunos investigados.

Ela é residente na cidade de Palma, tem 53 anos de idade e é formada em Pedagogia.

A professora atua há 16 anos nas turmas de terceira série do Ensino Fundamental, estando na rede pública há cinco anos, por concurso público, e, atuava antes, em escola particular e em projeto sociais com jovens e adolescentes.

Segundo a professora, a escola é um local em que se busca a formação integral dos alunos no sentido de trabalhar a ética, cidadania, respeito mútuo, assim como também envolve a comunidade e a família. O que faz a diferença na escola é a maneira particular com a qual se trata e atende toda a comunidade escolar, principalmente, os pais.

Falando sobre os alunos, a professora declarou:

Crianças como todas as outras que gostam de cantar, brincar, correr, jogar, entre outras coisas. Crianças discriminadas pela vida e pela escola que não lhes oferece todas as chances e oportunidades as quais eles têm direito. Crianças desmotivadas, carentes e que se sentem fracassadas, cansadas de estudar e aprenderem pouco ou de terem que repetir várias vezes tudo que estudam a cada ano. Alunos com características específicas da sua faixa etária que necessitam de estímulo para alcançar os objetivos propostos para eles (Notas de campo, 2008).

É importante levantar esse perfil dos alunos, inclusive é a tarefa mais importante daquelas desempenhadas pelo professor, já mencionado neste trabalho. Porém, esse diagnóstico vai além de meramente levantar características, é preciso intervir. O diagnóstico facilita a ação pedagógica, ajuda a perceber os limites da intervenção e constrói um referencial para a tomada de decisão ao longo do processo de aprendizagem.

Sobre o currículo, a professora diz ser parte integrante não só os conteúdos, mas todo o contexto de vida escolar que afetam aqueles que participam da escola, inclusive a família.

Sobre a proposta curricular, diz que foi elaborada por todos os professores e faz parte das diretrizes norteadoras para o trabalho docente, e, sobre as dificuldades que encontra, acrescentou : “[...] quem não tem dificuldades? Eu, também, não estou livre delas, porém, perguntamos, pesquisamos, trocamos e assim vamos indo” (Notas de campo, 2008).

A história de vida de cada um dos alunos é única. Cada qual traz o seu repertório, mas o que mais incomoda é a indiferença ou o faz-de-conta dos pais. Eles parecem não estar vendo a situação, ou não, querendo ver. Para a professora muitos pais não comparecem, não apóiam seus filhos, parecem estar satisfeitos ou conformados quando seus filhos são reprovados como que já contassem com isso, nesse sentido, parecem não querer ver a situação porque para eles pode ser melhor negar do que lutar para mudar e reverter.

Na percepção da professora, as famílias, hoje, estão desestruturadas, os filhos sem limites, os pais não se respeitam entre si e daí os filhos ficam sem apoio e começam a apresentar desinteresse, dificuldades de aprendizagem, agressividade, carência afetiva. Algumas crianças ficam até mesmo sem apoio psicológico ou médico, por conta disso. E, mais uma vez aparece a negação de problemas.

A professora ainda acrescenta que há um desnível social e econômico entre as famílias dos alunos, o que o governo tenta compensar com os programas sociais, tais como o Programa “Bolsa Família” que, no entanto, não garante todas as oportunidades que os pais querem ofertar aos filhos.

Porém, não se pode jogar sobre a família todas as mazelas da educação. A escola está aí para contribuir nesse processo de crescimento das relações.

A questão cultural é primordial, um referencial para se traçar os objetivos e metas em relação aos alunos. Na efetividade da sala de aula, a professora procura preparar as atividades sempre levando em conta os conhecimentos, a vivência e as experiências que os alunos trazem. Nas comemorações, festividades e eventos escolares, mesmo que a escola siga o seu jeito tradicional de realização, na sua sala, com seus alunos, comemora enfatizando a cultura do meio de cada um e cria oportunidades para que individualmente eles manifestem seus conhecimentos e tradições populares.

Quando solicitada para explicar melhor sobre as dificuldades que encontra sobre a questão cultural, a professora reafirma que fica difícil se falar em cultura quando o aluno não possui em casa sequer jornal para incentivá-lo à leitura. De qual cultura está se falando? Somente as tradições de festas, cultos e danças? Certamente não, esta é uma questão bem mais abrangente.

Quando abordada sobre as diferenças culturais, ela se pronunciou afirmando ser esta uma das grandes dificuldades do trabalho docente. Segundo seu depoimento, as diferenças culturais dos educandos podem ser bem aproveitadas no sentido da diversidade a que currículo deve atender. A professora se classifica como uma mediadora de informações e ao mesmo tempo pronta, todos os dias, a aprender. Vale ressaltar que a aprendizagem de lidar com a diferença é uma aprendizagem para a vida toda e as crianças precisam desenvolvê-la.

A escola, num sentido genérico, não está preparada para incluir os alunos diferentes. Isso é um grande desafio. Na prática de sala de aula, com um aluno com dificuldade de aprendizagem – diferente seja pelo motivo que for – a professora procura ajudá-lo de todas as formas para superar estas dificuldades. Os alunos são atendidos, individualmente, para poder

atingir os seus objetivos e coletivamente dentro de todo o processo. Apesar disso, muitas dificuldades não são resolvidas no seu todo.

A professora também falou sobre as diferenças pensadas em relação às defasagens idade/série; conteúdos de aprendizagem/série; idade/multirrepetência:

É uma realidade chocante, mas que precisa ser vista de frente. O fracasso escolar é apelidado de dificuldade de aprendizagem, porque desta forma transfere-se a responsabilidade da escola para o aluno que apresenta essas características.

Poderiam ser citadas ainda outras defasagens comuns de serem encontradas nas escolas públicas:

- Defasagem idade/série: alunos de 12 anos ou mais frequentando classes de alfabetização, por exemplo.
- Defasagem conteúdos de aprendizagem/série: uma classe de quarto ano (ou terceira série), por exemplo, de alunos que não conseguem acompanhar o conteúdo pertinente à série, alguns precisam ser alfabetizados, ainda, outros aprenderam a ler recentemente e caminham com dificuldades.
- Defasagem idade/multirrepetência: alunos que fazem uma série várias vezes seguidas e ainda assim não alcançam o conteúdo mínimo, provocando a evasão e até o abandono escola.

A professora acredita que o relacionamento desenvolvido na turma deveria ser baseado no respeito, amizade e confiança. Ao longo de toda a convivência eles vão aprendendo a se respeitarem no sentido geral e, desta maneira, transferem essa aprendizagem social para a vida. Contudo, uma questão inquietante tanto para as famílias quanto para a escola, atualmente, e que decorre dessa relação interpessoal é a indisciplina.

Um dos maiores problemas enfrentados hoje na escola é a indisciplina, a falta de respeito aos limites, a falta de respeito à pessoa humana. Esse tipo de relacionamento também deve fazer parte dos projetos desenvolvidos em sala porque a indisciplina é contributiva para as dificuldades de aprendizagem que não são superadas na sala de aula.

Para efetivação da proposta curricular, a professora utiliza todo o tipo de material, inclusive o livro didático que, segundo ela, deve ser de acordo com a realidade que o aluno vivencia.

O livro didático é utilizado como apoio nas suas aulas, sem ser o mais importante ou essencial, ele é apoio tanto para professor quanto para o aluno.

Segundo a professora abordada as causas do fracasso escolar de seus alunos, podem ser sintetizadas da seguinte forma:

1. Famílias desestruturadas - filhos de mães solteiras (geralmente adolescentes), pais separados, alcoolismo na família, dentre outros motivos;
2. Diferenças econômicas - que redundam nas diferenças culturais, já que o acesso aos livros e à informação ainda é artigo de luxo;
3. Diferenças no rendimento escolar - os alunos que apresentam baixo rendimento, que são mais lentos, parecendo desinteressados e incapazes de acompanhar a turma;
4. Alunos com diagnósticos de problemas orgânicos, físicos ou neurológicos.

A professora complementa dizendo que seu trabalho é um trabalho de dia após dia caminhando juntos, no sentido de formar, individual e coletivamente, todos os envolvidos. Ela diz: “Muitos dos alunos que passaram pelas minhas salas de aula, que já não tinham mais expectativas pois o mundo já havia consumido seus sonhos, voltaram a estudar e a sonhar...” (Notas de campo, 2008).

### **3.3 Fracasso escolar e a realidade socioeconômica familiar: os depoimentos dos pais**

Os primeiros educadores são os pais, com eles aprendem-se as primeiras interações que ao longo do desenvolvimento vão se aperfeiçoando. Estas relações já estão constituídas na criança, ao chegar à escola, que influenciará consideravelmente no poder de produção deste sujeito. É preciso uma dinâmica familiar saudável, uma relação positiva de cooperação, de alegria e motivação. Nesta dinâmica relacional destacam-se os aspectos culturais, sociais, afetivos e econômicos – o que vai influenciar em diversos parâmetros na vida escolar do aluno. A maneira como ele se comporta, se relaciona, e, principalmente, como aprende.

Foram realizadas entrevistas com o familiar mais próximo dos três alunos pesquisados, com o objetivo de aproximação maior de cada aluno em casa e no convívio social, no sentido de conhecer e esclarecer suas dificuldades que possam estar produzindo o fracasso escolar. Os pais participaram da entrevista e deram suas respostas de forma clara, objetiva, demonstrando bastante descontração. No entanto, as respostas são restritas e bem sucintas.

### **Entrevista 1 - Pai de Matheus<sup>1</sup>**

O pai nº 1 tem dois filhos na escola, o mais novo no primeiro ano (na Classe de Alfabetização) e Matheus na terceira série do Ensino Fundamental.

O motivo de estarem estudando na mesma escola é porque os pais sempre ouviram falar bem dela, e, a diretora, imediatamente arrumou vaga para as duas crianças. Ele enfatizou “além de se saber que é uma ótima escola porque exige muito do aluno, e tem ótimos professores” (Notas de Campo, 2008). O Pai fez questão de afirmar que toda a rede estadual é muito boa, tem ótimos professores e não há diferença entre as escolas da rede.

Segundo o pai, o maior bem que a escola pode fazer aos alunos é educar e ensinar bem os conteúdos. Porém a escola não pode fazer muita coisa sozinha. Precisa do apoio dos pais e afirmou estar sempre disponível atendendo a todos os convites para as reuniões, o que sempre ocorre, além de manter contato constante com a professora e a diretora.

Vale ressaltar que o pai de Matheus é trabalhador rural e não consegue chegar a tempo nas reuniões. Quando marcadas durante o dia ele não pode comparecer por causa do trabalho, se à noite chega sempre muito atrasado. Pelo mesmo motivo não participa das ações coletivas da escola.

Quanto à aprendizagem do seu filho, o pai diz que é excelente que o filho é um menino interessado e que nunca deu problema na escola. A escola, quando ele falta, que é raro, procura saber o que está havendo, ela se interessa pelo aluno. O pai também percebe, e sempre ensinou que escola é para estudar e que lugar de brincadeira é em casa. Não existe nada que seu filho não goste na escola. Para o pai de Matheus está tudo bem, não há nada que o desagrade na escola, nada precisa ser diferente.

Vale ressaltar que este aluno em questão, segundo a professora, é assíduo, pontual, vem sempre uniformizado e bem apresentável, faz todas as tarefas, gosta da escola, se relaciona bem com os colegas, professores e funcionários, mas não domina, na terceira série (quarto ano de escolaridade), todo o processo de leitura e escrita. A leitura e a escrita não são alfabéticas, segundo a classificação de Ferreiro (2000), ele apresenta o vício da soletração, por isso não interpreta o que lê, e, não domina as quatro operações fundamentais. Mesmo assim, os pais demonstram estar satisfeitos com a escola.

---

<sup>1</sup> Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

### **Entrevista 2 - Pai de Diego<sup>2</sup>**

O pai entrevistado nº 2 tem dois filhos na escola, um na segunda série e Diego na terceira série. Ele afirma que escolheu a escola porque oferece um ótimo aprendizado para todas as crianças e conseguiu uma vaga conversando com a diretora. Ele acha a escola ótima e não vê diferença em relação às outras porque esta escola, segundo ele “está dando oportunidade de um futuro melhor”.

A participação desse pai é sempre conversando com a professora e comparecendo às reuniões sempre que solicitado, porque nunca é chamado por outro motivo. O pai afirma que a escola valoriza o seu filho porque está ensinando a ele e a aprendizagem é “boa”. Porém seu filho, segundo a professora, é desinteressado, brinca durante a aula, atrapalha os colegas e com isso foge da tarefa da leitura. Diego, ele próprio diz que gosta de estudar e gosta muito da escola, nada desagrada a ele. Por isso a escola está boa do jeito que é.

Quando perguntado se gostaria de modificar alguma coisa na escola, o pai, imediatamente, responde que “não”. Segundo ele, se o filho aprendendo ler e escrever está tudo muito bom.

Vale acrescentar a esse depoimento os seguintes fatos: esse aluno lê e escreve com muita dificuldade, segundo informações da professora da turma, e não consegue interpretar o que lê. Um exemplo disso é que nos enunciados das tarefas e das situações-problema ele não consegue interpretar e por isso não faz sozinho, só com a ajuda dos colegas ou de alguém em casa. Como não consegue realizar as tarefas em sala, conversa o tempo todo ou brinca, camuflando a dificuldade e perturbando, atrapalhando os demais. Porém se sai muito bem quando realiza cálculos mentais provavelmente porque ajuda o pai no pequeno comércio que a família mantém. Esse aluno tem 12 anos de idade, pois repetiu a fase de alfabetização por 3 vezes, por isso os responsáveis se dizem satisfeitos com a escola porque, para eles, houve um avanço e se declara orgulhoso que o filho saiba ler e escrever.

### **Entrevista 3 - Pai de Lucas<sup>3</sup>**

O pai de Lucas tem dois filhos na escola. Lucas que está na terceira série e seu irmão que entrou para a primeira série. Ele justifica a escolha pela escola porque não teve problema na hora da matrícula em achar vaga (é a mais próxima da sua casa) e porque achou a escola boa.

---

<sup>2</sup> Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

<sup>3</sup> Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

O pai de Lucas, embora não veja diferença entre a escola do filho e as demais, diz que a escola tem professores competentes, porém ao ser perguntado sobre o que a escola tem feito por seu filho, ele respondeu: “muita coisa” e quando interpelado para explicar, simplesmente não soube responder e disse: “não sei”. Esse pai afirmou que quando convocado vai à escola, mas não tem o hábito de receber essa convocação. Ele percebe e valoriza quando a escola ensina ao seu filho o respeito ao direito dos colegas e quando avalia no dia-a-dia.

Segundo o pai, Diego adora competir e a escola dá essa oportunidade a ele, é o que ele mais gosta na escola - jogar bola. Por isso, só há uma coisa que ele gostaria de modificar no ambiente escolar - mais funcionários para olhar as crianças no recreio, eles são muitos e podem se machucar na hora do jogo, pois alguns, e o filho dele é um, chutam pra valer.

Esse aluno não lê e nem escreve, não faz nenhuma tarefa em casa, dizendo sempre que esqueceu ou perdeu, mas é um ótimo goleador, por isso, muito querido por todos. Faz o time da turma vencer todos os campeonatos. No entanto, é discriminado na comunidade onde vive, sem coleguinhas para brincar, porque os pais são muito carentes e desempregados. A escola é lugar onde ele se sente bem e por isso a família gosta muito da acolhida que escola dá ao seu filho. Quando o pai declara que avalia a aprendizagem do filho “no dia-a-dia” é porque nota a cada dia os avanços sociais do filho no meio escolar. Para essa família a escola representa um ótimo local de lazer e diversão para o filho, ficando a aprendizagem dos conteúdos para segundo plano.

Num contexto paradoxal, parece que se pode afirmar que os pais dos alunos brasileiros estão contentes com a escola de seus filhos.

Em pesquisa do Inep com 10.000 pais brasileiros, a nota que eles deram às instalações da escola do filho foi 8,1. 81% têm uma percepção positiva dos diretores da escola, afirmam que eles “resolvem os problemas”. 83% por cento acham que os professores estão preocupados em ensinar e dar boas aulas. A nota dada à qualidade do ensino é 8,6. Para entender como os pais podem considerar tão boa uma escola de resultados tão ruins e por que os professores os percebem como desinteressados, falta a variável fundamental: entender quem são esses pais.

O dado mais importante a notar é que 58% têm o Ensino Fundamental incompleto. Só 3% têm diploma universitário. Três quartos lêem jornais e livros nunca ou raramente. Apenas 7% acessam a internet. São pessoas de baixíssima formação acadêmica e pouco grau de informação. Como lhes é difícil julgar a qualidade do ensino, uma variável intangível, eles costumam usar como indicador aquilo que é visível. Comparam a escola que cursaram com aquela de seu filho e percebem: os prédios são mais limpos e bonitos, há merenda de boa qualidade, há transporte escolar, o filho recebe uniforme e livros didáticos e, fundamentalmente, há matrícula garantida. Cinquenta e sete por cento dos pais dizem que a escola do filho é melhor que aquela que o pai cursou. O pai fica contente pelo fato de o filho ter as oportunidades escolares que ele não teve. Não possui conhecimento suficiente do

processo escolar, nem acesso a fontes de informação mais aprofundadas, que lhe permitam entender que a qualidade do ensino do filho é fraca (PNAD, 2007).

Essa declaração faz sentido se confrontada com os depoimentos dos pais, que parecem estar incluídos na pesquisa. A ênfase recai na premissa: por assistirem suas expectativas superadas se dão por satisfeitos, pois seus filhos conseguiram galgar patamares acima dos deles. Seus filhos chegaram, ao menos, a freqüentar uma escola, coisa que para eles foi pouco ou impossível. Para eles, qualquer que seja o papel da escola, será muito bom.

### **3.4 Fracasso escolar: reflexo das variadas dimensões e depoimentos dos alunos**

A primeira dimensão que deve ser considerada são os resultados das expectativas dos professores na sua interação com os alunos.

Se o professor mostrar-se despreparado para lidar com o problema apresentado, mais chances ele terá de transferir suas dificuldades para o aluno. O professor que se limita a instruir ou apenas a ensinar desvinculado da vida, sem perspectiva de formar o homem no sentido pleno, também problematiza a vida futura do cidadão.

Estudos demonstram que há êxito na aprendizagem, quando é acompanhada de boa relação professor-aluno. O professor acolhedor obtém mais sucesso ao fazer com que o aluno aprenda. Além disso, o professor que mantém uma relação saudável com os alunos faz com que os mesmos confiem no seu trabalho e se interessem pelo mesmo, efetivando assim a aprendizagem. Já o professor “antipático”, embora bom professor, mas que não desenvolve um relacionamento satisfatório, poderá resultar em fracasso dos escolares, pois a sua postura é um fator inibidor à aprendizagem dos mesmos. Segundo Rosenthal & Jacobson, “Expectativas de Professores com relação a alunos pobres”, a “profecia autorrealizadora”, é uma predição do comportamento que uma pessoa faz da outra. Este comportamento torna-se realizável à medida em que: primeiro, é possível que a expectativa faça com que haja uma situação “emanadora”, portanto, pode haver uma comunicação não intencional influenciando o comportamento esperado; segundo, a predição pode realizar-se apenas na percepção de quem a faz. Para o professor, a predição com “relação a alunos pobres” só tende a prejudicar toda a situação de aprendizagem. Estudos demonstram que, quando o professor tem uma predição negativa em relação a alunos pobres, a situação tende a institucionalizar-se com relação ao baixo rendimento escolar. Fica claro que, se o professor tiver predição de uma situação mais saudável e mais otimista com relação a alunos pobres, o próprio comportamento do professor já o auxilia no êxito de seu trabalho, independente até de métodos novos. Ele próprio infere no seu comportamento a necessidade do sucesso e, sem perceber, suas ações levam o aluno ao êxito. Os resultados de sua pesquisa (op. cit.) foram evidentes. Havia progressos das crianças pobres quando os professores o esperavam, e havia fracasso dos escolares quando os professores não esperavam o progresso.

Obviamente, que os professores não esperando progressos dos alunos, eles próprios inferiam em suas condutas pontos distorcidos prejudicando e criando bloqueios ao estimularem a aprendizagem no educando (SILVA, 1997, p. 30-31).

A segunda dimensão diz respeito à avaliação. Avaliação enquanto processo não só da aprendizagem de conteúdos, mas de todo o processo educativo.

A avaliação dos conteúdos de aprendizagem tem como objetivo informar sobre o rendimento escolar. O processo de avaliação da aprendizagem é mais amplo do que medir e testar. Deve ser bem elaborado de acordo com os objetivos estabelecidos entre professor e aluno, pois é através deste que o professor poderá identificar o rendimento e/ou fracasso do aluno.

Há sérios problemas de aprendizagem que podem decorrer de avaliações inadequadas, porque o professor, sem condições necessárias de detectar as falhas, promove as dificuldades dos alunos ao invés de saná-las. Isto significa que, através da avaliação inadequada, o professor poderá reforçar as dificuldades do aluno, ou encobrir as falhas na aprendizagem.

Vale ressaltar que as informações e o diagnóstico devem servir para a tomada de decisões. Com o caráter diagnóstico e mediador da avaliação pode o professor ajudar o aluno a superar suas dificuldades. (HOFFMANN, 2003; LUCKESI, 2002).

Segundo Hoffmann, em entrevista à revista *Atividades & Experiências* (2006, p. 10-11):

Numa perspectiva qualitativa ou diagnóstica, a avaliação serve para verificar como está se dando o aprendizado dos alunos, as dificuldades e os avanços desse processo, para que o educador possa corrigir ou mudar as diretrizes do planejamento pedagógico. É, portanto, uma ferramenta fundamental para garantir ao professor a aferição de seu trabalho e, sendo assim, deve assumir um caráter cooperativo e orientador. [...] Nem sempre, porém, os educadores têm a noção clara dos objetivos da avaliação e da necessidade de cada aluno.

Para Hoffmann, o aspecto diagnóstico da avaliação tem dois objetivos básicos. O primeiro refere-se à identificação das competências do aluno para adequá-lo num nível de aprendizagem. Porém, vale alertar que os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não podem rotular o aluno, mas servir como indicações para que aluno e professor possam traçar metas rumo no processo de aprendizagem.

O segundo objetivo refere-se ao que o aluno não conseguiu alcançar no decorrer do processo de aprendizagem para analisar e avaliar o que pode e deve ser feito a fim de melhorar esse resultado e adquirir uma aprendizagem efetiva e necessária na compensação do tempo perdido.

Na mesma entrevista concedida pela Prof<sup>a</sup> Jussara Hoffmann, Mestre em Avaliação Educacional, a autora enfoca o caráter mediador da avaliação:

Hoje, muitos professores me perguntam por que não uso a expressão avaliação formativa em meus livros. Explico. Avaliação mediadora é avaliação formativa. Mas não é só. Vai além. Porque, na concepção mediadora, prioriza-se a aprendizagem, o encontro, o respeito, o diálogo entre professores e alunos, entre professores, antes e acima das metodologias. Não se trata de uma questão metodológica, mas de uma concepção. Isso faz toda a diferença! (REVISTA ATIVIDADES & EXPERIÊNCIAS, 2006, p. 11).

Para Luckesi (2002) “A avaliação tem por função subsidiar a construção de resultados satisfatórios”. O autor critica a avaliação tradicional, baseada na memorização de conteúdos:

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar, equivocadamente, sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Basta de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva; diversa dos exames, que não são amorosos, mas que são classificatórios, seletivos, excludentes. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam. (LUCKESI, 2003, p. 31).

Luckesi (2003, p. 24, 28) destaca a importância que, necessariamente, deve ser atribuída à avaliação no conjunto do processo pedagógico:

[...] a avaliação da aprendizagem no ensino não será um ato pedagógico isolado, mas sim um ato integrado com todas as outras atividades pedagógicas. [...] Não é a avaliação que determina a pedagogia, mas sim a pedagogia que configura a avaliação.

## **Fracasso Escolar: depoimentos dos alunos**

Foram realizadas entrevistas com as crianças pesquisadas, com o objetivo de obter a apreciação deles a respeito da escola e de como se percebiam na escola, na sala de aula e na situação de fracasso em que se encontravam.

Cabe esclarecer que as crianças entrevistadas pertencem a famílias de baixa renda, vivendo em situação socioeconômica desprivilegiada.

A maior parte dos familiares - irmãos e pais dessas crianças - foram também casos de fracasso escolar, ou seja, não conseguiram concluir sequer o primeiro grau, hoje o Ensino Fundamental, sendo considerados, portanto, semi-alfabetizados ou analfabetos.

Vale ressaltar, ainda, que os dados coletados mostravam discrepância entre o desempenho do aluno nas atividades escolares e seu desempenho nas atividades realizadas em casa. Essas crianças, que tanto fracassavam na escola, eram eficientes, em suas casas, executando de forma satisfatória todas as tarefas domésticas a elas atribuídas, criando modalidades de brincadeiras e mostrando-se capazes de planejar e fazer estimativas antes da execução de um trabalho.

#### **Aluno entrevistado nº 1 - Matheus<sup>4</sup>**

Matheus é uma criança de nove anos, que há três anos frequenta a escola e só aprendeu a ler no ano letivo de 2007.

Ele afirmou que fica sentado quietinho e se comporta bem, que gosta da escola e que ela é muito boa.

Ao perguntar sobre qual conteúdo ele tem mais dificuldade, perguntou-me o que é conteúdo, quando expliquei, ele afirmou que faz tudo e até já sabe ler.

Quando sente dificuldades ele recorre à tia que o ajuda. Ele complementa que depois que faz os deveres, ajuda a mãe em casa porque ela gosta do trabalho que ele faz: varrer, lavar quintal, botar o lixo pra fora e molhar as plantas, depois é que ele assiste TV, o que mais gosta de fazer fora da escola.

Matheus observa: “Eu só leio um pouco porque estou terminando de aprender, mas se a leitura for fácil eu entendo tudinho”.

Segundo ele, adora a escola e tudo o que se faz nela. Quanto ao relacionamento ele diz ser bom porque tem um monte de amigos na sua sala e na escola também.

Ele termina a entrevista dizendo que a escola já está fazendo tudo o que pode por ele: “A minha tia ensina muito, me ajuda quando eu preciso e passa muita leitura para treinar em casa”.

---

<sup>4</sup> Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

**Aluno entrevistado nº 2 - Diego<sup>5</sup>**

Diego tem 12 anos, há cinco anos frequenta a escola e vem repetindo a primeira série desde então.

Ele gosta da escola, mas, segundo ele, às vezes faz bagunça e a professora briga com ele, porém afirma que gosta de estudar. Perguntei a ele se gosta de estudar ou gosta da escola e em que a escola pode ajudá-lo. Ele me respondeu que gosta da escola e também gosta de estudar. Porém, tem algumas coisas que ele acha que não gosta porque são repetitivas. Segundo Diego, tem que aprender tudo de novo e por isso ele fica com vontade de brincar quando começa a repetir tudo de novo.

Pergunto ao Diego se ele não é grande para ficar brincando em sala na hora da aula, ele respondeu que não tem muito tempo para brincar, o recreio é pequeno e ele não brinca sozinho porque os colegas gostam de brincar com ele. Diego afirmou que só tem um pouco de dificuldade para ler e que sabe fazer contas igual ao seu pai.

Quando tem dificuldades na escola ele pergunta para a professora, embora não seja bom não saber as coisas e dá vergonha de ficar perguntando toda hora, afirma Diego.

O relacionamento com os seus colegas ele diz ser bom e com a professora ele diz que ela é legal porque ensina, brinca e faz uma porção de atividades legais.

Diego disse que ajuda seu pai na venda. Depois vê televisão e vai dormir porque fica muito cansado. Perguntei a que horas ele faz a tarefa da escola? Respondeu que faz quando dá tempo, só às vezes, porque fica muito sozinho e não tem ninguém para ajudar.

Diego não gosta de ler e diz sentir dificuldades, ele não interpreta o que lê, e, para evitar constrangimento não insisti. Ele gosta de brincar na escola porque quando vai para casa trabalha na venda com seu pai, sem tempo para as tarefas escolares ou para brincar.

Diego fez uma afirmação séria quando lhe perguntei o que a escola pode fazer, ajudando nas suas dificuldades: “Arrumar um jeito da criança ler quando é pequeno para não passar vergonha depois”.

Esse aluno lê e escreve com muita dificuldade, não consegue interpretar o que lê; não faz as tarefas sozinho, só com a ajuda dos colegas ou de alguém em casa. Conversa ou brinca em sala, parecendo que faz isso para camuflar a dificuldade que sente e assim perturbando e atrapalhando os demais. Realiza cálculos mentais, repetiu a fase de alfabetização por três anos consecutivos, mas os pais estão satisfeitos com os avanços do filho.

---

<sup>5</sup> Nome fictício para preservar a identidade do aluno

### **Aluno entrevistado nº 3 – Lucas<sup>6</sup>**

Lucas tem nove anos, há três está nessa escola e aprendeu a ler no Ciclo Básico de Alfabetização.

Lucas afirma gostar da escola e ser um bom aluno, gosta de escrever, mas acha difícil ler. Lucas alega que se lhe ensinarem ele aprende, mas que não aprendeu a ler porque sua professora só passava tarefa difícil, então ele preferia fazer cópia.

Para Lucas sua professora é muito legal, os colegas o tratam bem e a escola toda também. Afinal, Lucas é o craque da escola. Ele me perguntou se eu sabia que ele jogava bola no time da turma e da escola.

Ele declarou que faz as atividades de casa e depois só fica vendo TV porque não tem amigos no seu bairro, só os tem na escola, que moram longe da sua casa.

Lucas diz não saber ler direito, por isso sente dificuldades. Na escola, Lucas gosta de jogar bola e pretende ser profissional - o time da escola vence todos os campeonatos, mesmo não tendo lugar para treinos, segundo ele, sequer para jogar bolinhas de gude. Outra preferência de Lucas são as pipas, porém ele não tem aonde brincar.

Lucas me afirmou que só entende um pouco do que lê.

O perfil deste aluno é: não lê e nem escreve; não faz tarefa em casa; é discriminado na comunidade onde vive por causa da condição social de seus pais; não tem amigos onde mora, mas é bem relacionado na escola por ser o goleador do time da sua turma. Os pais estão satisfeitos com o “social” da escola.

## **3.5 Fracasso escolar: resumindo**

Analisando e confrontando as respostas dadas à entrevista realizada com diretora e supervisora da escola; professora da turma; pais dos alunos e os três alunos selecionados, pode-se concluir que:

- As causas do fracasso escolar, denominados pela diretora e a supervisora de “nós”, os quais emperram o processo e evidenciam as dificuldades de aprendizagem, estão diante de todos e são facilmente percebidos, porém não resolvidos.

- A professora evidencia que:

- o diagnóstico é realizado, porém com fim em si mesmo, porque depois de realizado

---

<sup>6</sup> Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

não tem aplicação prática efetiva;

- há uma conformação geral dos pais com o processo educativo. Essa conformação leva à passividade e a permanência da situação de fracasso;

- os programas públicos compensatórios, como o “Programa Bolsa Família”, agem como motivadores para manterem os alunos na escola;

- as causas do fracasso escolar podem estar: nas diferenças econômicas e sociais; no baixo rendimento escolar; na desvalorização profissional do professor, na desestruturação das famílias; em problemas físicos, psicológicos e nas várias defasagens, mas os professores são sempre os mais responsabilizados.

As falas dos alunos reforçam o diagnóstico do professor, isso indica que eles reconhecem a situação em que se encontram mas parecem que não são capazes de solucioná-la por eles mesmos.

Vale ressaltar que os três alunos apresentam as três categorias de defasagens já expostas: idade / série; série /conteúdos de aprendizagem; e multirrepetência.

Por mais que o professor, os companheiros de classe e os materiais didáticos possam e devam contribuir para que a aprendizagem se realize, nada pode substituir a atuação do próprio aluno na tarefa de construir significados sobre os conteúdos da aprendizagem. (BRASIL, PCN, 2001, p. 51)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo não teve a pretensão de esgotar o tema, visto ser uma das questões mais preocupantes da educação brasileira. Os investimentos, quer na estrutura física da escola, ou na qualidade da merenda escolar, na capacitação constante do corpo de professores, no calendário escolar ou no estabelecimento do horário integral dos estudos, ou mesmo nos programas sociais e compensatórios, entre outros, alguns deles mencionados ao longo do estudo, não são suficientes para responder à demanda do fracasso escolar.

Sabe-se, também, que, há muito tempo, o tema vem sendo alvo de incessantes pesquisas, debates e discussões científicas pelos vários teóricos da educação nacional, e internacional, principalmente dos países latinos e em desenvolvimento, porém sem muita mudança prática da realidade educacional.

Diante do exposto, através das informações obtidas por meio das entrevistas realizadas, o fracasso escolar está longe de ser resolvido, mas, talvez, atenuado se tornarem-se efetivas algumas práticas que já fazem parte do diagnóstico dos profissionais da educação, fruto das incansáveis pesquisas e estudos.

Como síntese ao até então apresentado, entre algumas das alternativas já levantadas por esse estudo pode-se citar a relação professor X aluno que deve evidenciar respeito, parceria e cumplicidade. Outra questão é a atenção que se deve prestar à avaliação considerando-a como de “todo o processo” e não apenas dos conteúdos de aprendizagem. Isso implica na avaliação diagnóstica, mediadora e de resultados, não só do aluno, mas de todas as ações da equipe de apoio, do professor e de todos aqueles que participam junto com ele desse processo. A característica que deve ser preservada em primeira instância é o caráter diagnóstico da avaliação, e, em segundo plano, o caráter mediador, a serviço do professor e do aluno. A forma como essa avaliação deve se processar é sempre procurando respeitar o tempo e o espaço de cada um. Isso também envolve a auto-avaliação que deve ser vista, sempre, enquanto oportunidade e direito do aluno. E, de nada adianta diagnosticar se não for para intervir, traçar junto ao aluno quais caminhos percorrer, que estratégias utilizar.

O fracasso escolar é visto como uma questão individual, própria de cada aluno e seus problemas. É inadmissível isolar o aluno de todo um processo e culpabilizá-lo pelo resultado final. Pensar em fracasso escolar, como o próprio termo declara, é pensar em tudo que encerra o termo “escolar”, é voltar-se para o fracasso de todo o sistema escolar.

Portanto, não se pode responsabilizar somente o aluno, nem tão pouco somente ao professor ou tão somente a escola. Antes de se estabelecer qualquer “pré-conceito” acerca da situação faz-se necessário fixar alguns parâmetros.

É preciso que a educação brasileira volte seus olhares para os conceitos de amplitude do país, de educação nacional, de diversidade regional, de compatibilidade de objetivos e de continuidade.

Ao se tentar articular os conceitos de amplitude do país, diversidade regional e educação nacional, surge aí a primeira dificuldade para se estabelecer a compatibilidade de objetivos e a continuidade de ações ao nível nacional sem ferir as diferenças regionais num país que tem magnitude de um continente. Ao se tratar da continuidade também reporta-se à questão política administrativa que insiste em ser unilateral sem levar em conta a necessidade de ações contínuas no que diz respeito às políticas públicas da educação nacional que mostram-se vitoriosas, pois mudam-se ações muito constantemente a cada período de mudanças políticas partidárias. Desta forma, fica sem propósito elaborar objetivos compatíveis a tudo e a todos os envolvidos nesse sistema educacional.

Os que se comprometem em sanar esse fracasso, seja em qualquer nível, no do aluno, do professor, da escola, da estrutura ou do sistema, fazem a diferença, pois demonstram preocupação em estabelecer alguns princípios, entre os quais encontram-se:

- a aprendizagem deve promover, entre outros fatores, um relacionamento interpessoal de excelência, pois é um processo que envolve a todos;
- a fim de garantir o processo contínuo da aprendizagem, ela precisa ser acompanhada, ter *feedback*, para propiciar dados necessários para as futuras correções;
- os objetivos devem ser tão reais, possíveis de serem alcançados, ao ponto de promoverem a aprendizagem significativa para os alunos;
- a aprendizagem deve ter um significado, fazer parte de um contexto, envolvendo o aluno, a fim de que seja eficaz;
- a aprendizagem precisa provocar mudanças pessoais, desta forma ela deve ser individualizada, personalizada, o que difere, fundamentalmente, de massificação.

Vale acrescentar que cada uma dessas questões merece ser revista com atenção especial e em melhor oportunidade, acrescentado que esses quesitos são fundamentais e a partir deles pode-se promover mudanças que exijam que os educadores aprendam como compartilhar a tomada de decisões no que diz respeito ao processo educativo com colegas, pais e alunos, bem como repensar para que serve o ensino.

Enfim, precisa-se, sobretudo, rever os paradigmas do fracasso escolar, e, da educação como um todo, porque assim o é, para que a aprendizagem, o sucesso e a vitória do aluno possam ir para além da sala de aula.

O que se pretende para equacionar o fracasso escolar é estreitar o distanciamento entre pais, alunos e escola, fortalecendo as relações, estabelecendo vínculos, visando acompanhamento mais efetivo do sucesso do aluno e firmando parcerias.

O que se quer é uma instituição vitoriosa, com profissionais da educação competentes, com famílias envolvidas com a educação de seus filhos e com alunos responsáveis pelo seu próprio sucesso.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. (org.). Da escola carente à escola possível. 6. ed. Coleção Educação Popular. São Paulo; Loyola, 2003.

BLIN, Jean-François. Classes difíceis: ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos. Porto: Porto, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). O Educador: vida e morte. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez.1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Documento Introdutório. Brasília:MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Lei n. 11.494 de 20 de junho de 2007. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 21 jun. 2007.

BRASIL, MEC/IDEB (2007). Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Disponível em: <<http://www.ideb.inep.gov.br>>. Acesso em 23 ago. 2008.

BRASIL, MEC/INEP (2003). Disponível em:  
< [www.publicacoes.inep.gov.br/.../%7B45A5D415-1020-4013-B72E-7E52F0B7C8C3%20](http://www.publicacoes.inep.gov.br/.../%7B45A5D415-1020-4013-B72E-7E52F0B7C8C3%20) >.  
Acesso em 14 ago. 2008.

FERREIRO, Emília. Com todas as letras. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FORMENTI, Ligia. MG monitora escola e melhora ensino. O ESTADO DE SÃO PAULO. 12 mai. 2008.

GRIFFO, Cleonice. Dificuldades de aprendizagem na alfabetização: perspectivas do aprendiz. In: GOMES, Maria de Fátima & SENA, Maria das Graças (org). Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. Fracasso escolar na perspectiva do aprendiz. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, em 1996.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 32. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

IBGE (2007). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 ago. 2008.

IBGE (2007a). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Contas Nacionais. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 ago. 2008.

IBGE (2007b). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção da Pecuária Municipal. Malha Municipal Digital do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 ago. 2008.

IBGE (2007c). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura, Malha Municipal Digital do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 ago. 2008.

IBGE (2007d). Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação – INEP – Censo Educacional, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 ago. 2008.

LIMA, Souza Elvira de. Como a criança se desenvolve. São Paulo: GEDH, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. A avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

MASETTO, Marcos Tarciso. Competências pedagógicas do professor universitário. São Paulo: Sammus, 2003.

MARCHESE, A.; MARTIN, E. Qualidade de ensino em tempo de mudança. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MENEZES, Maia. Desinteresse afasta jovem da escola. O Globo. Caderno Educação. 13. abr. 2007.

MESQUITA, Célia. Fracasso escolar nas classes desfavorecidas. Dissertação (Mestrado). UFSC. Florianópolis, 2002.

NEVES, L. M. W. Educação no Brasil de hoje: determinantes. In:\_\_\_\_\_. Educação e política no Brasil de hoje. São Paulo: Cortez; 1994. Pág. 11-38.

OLIVIER, Lou de. Distúrbios de aprendizagem e de comportamento. 3. ed. Rio de Janeiro, Wak, 2007.

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PELLEGRINI, Denise. Fala, Mestre: um reflexo fiel da escola. A Revista do Professor Nova Escola. São Paulo: Abril, ano XVI, n. 147, p. 23-25, nov. 2001.

PERRENOUD, Philippe. A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PNAD 2007. Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio 2007. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 16 ago. 2008.

PRADO. Iara Glória de Areias. Em Aberto: programas de correção do fluxo escolar. vV. 17, nº 71, jan. 2000.

PISA 2007. Programa Internacional de Avaliação de Alunos. Disponível em <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 17 ago. 2008.

PROCAP. Programa de Capacitação de Professores. Fase Escola Sagarana. Oficina 3. SEE/MG, 2001.

\_\_\_\_\_. Programa de Capacitação de Professores. Fase Escola Sagarana. Oficina 4. SEE/MG, 2001a.

REVISTA ATIVIDADES & EXPERIÊNCIAS. A importância de conhecer e acompanhar o aluno. Curitiba, Positivo, set. 2006.

RIBAS, Eliane Resende. Os Desafios de uma Prática de Ensino com competência. Barbacena: Centro Gráfico e Editora, [s.d].

SEE/MG. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Guia para Reorganização e Implementação do Plano de Intervenção Pedagógica. Toda a escola pode fazer a diferença. 2007.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Acompanhando e avaliando/Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. cad. 4. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2003.

SILVA, Maria Cecília da. Aprendizagens e problemas. São Paulo, Ícone, 1997.

SMITH. Mark Easterby.; THORPE, Richard.; LOWE, Andy. Pesquisa gerencial em administração. Nivaldo Montingelli Jr. (trad.). São Paulo, Pioneira, 1999.

SOARES, Magda B. Linguagem e escola: uma perspectiva social. 17. ed. São Paulo, Ática, 2002.

UNESCO. Relatório do Monitoramento de Educação para Todos. Disponível em: <<http://www.brasilia.unesco.org/publicacoes/livros/relatorioEPTBrasil2008>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

VIGOTSKY, Semenovich Lev; LURIA, Romanovich Alexander; LEONTIEV L. Alex. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2001.

WEISS, Maria Lúcia. Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

## **APÊNDICES**



## APÊNDICE A – Carta para a diretoria da escola

---

Belo Horizonte,.....de.....de 2008

À

Professora.....

Diretora da Escola.....

Belo Horizonte – MG

Prezada Senhora.

Solicito a V.Sa. autorização para uma pesquisa acadêmica no âmbito da escola em que a senhora atua.

A pesquisa em questão é parte da minha Dissertação de Mestrado em Educação e Sociedade que tem, como eixo, o estudo das questões que envolvem o fracasso escolar.

O meu interesse quanto a esta pesquisa está centrado no fato de que, atuando como professora, tanto em escolas públicas quanto particulares, vejo-me, cotidianamente, mobilizada pelas dificuldades de aprendizagem de alguns alunos as quais acabam resultando em fracasso escolar.

Espero contribuir, de maneira efetiva, para a transformação da vida desses alunos, promovendo seu crescimento e criando meios de sanar as suas dificuldades e as de todos os outros em igual situação.

Ressalto que, ao longo de todo o processo de investigação, os procedimentos, quais sejam, a coleta de dados, a análise dos mesmos, as entrevistas e todo e qualquer contato com os alunos e suas famílias, serão pautados por uma conduta transparente e ética.

Aguardando seu retorno,

Atenciosamente,

Maria Aparecida de Fátima de Paula Tonelli

Aluna do Mestrado Educação e Sociedade – UBIPAC/MG

Rua Dr. Osmando Borges de Aguiar nº 191, Palma/MG, CEP: 36750-000,

Tel: (32) 3446-1473, FAX: 3446-1450

Professora Dra. Maria Bellini – Orientadora

UNIPAC – Mestrado Educação e Sociedade

Rua Monsenhor José Augusto, 203 – São José, Barbacena/MG, CEP:36205-108

Tel: (32) 3693-8923, FAX: (32)3693-8880

Email: [mestrado@unipac.br](mailto:mestrado@unipac.br)

## **APÊNDICE B – Carta-convite para pai, mãe ou responsável pela criança.**

---

Belo Horizonte,..... de .....de 2008

Cara família de.....

Estamos procurando desenvolver, em conjunto com a professora de seu/sua filho/a, um estudo que ajude a melhorar e a valorizar o processo de aprendizagem.

Também sou professora e, no momento atual, estudo meios de fazer valer a Educação.

Ninguém melhor do que vocês para saber como é importante a escola na vida de todos.

Assim sendo, gostaria de convidá-los para um encontro em que conversaremos sobre o meu trabalho, sobre os filhos de vocês e sobre a pesquisa que pretendo realizar com algumas crianças desta escola. Vocês poderão auxiliar o meu trabalho e, ao mesmo tempo, estarão ajudando nossas escolas e nossas crianças.

Atenção para a data, horário e local do nosso encontro:

Local: Escola \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Horário: \_\_\_\_\_

Espero todos (as) vocês.

Atenciosamente,

**Maria Aparecida de Fátima de Paula Tonelli**

Aluna do Mestrado Educação e Sociedade – UNIPAC/MG

Rua Dr. Osmando Borges de Aguiar nº 191, Palma/MG, CEP: 36750-000,

Tel: (32) 3446-1473, FAX: 3446-1450

Professora Dra. Maria Bellini – Orientadora

UNIPAC – Mestrado Educação e Sociedade

Rua Monsenhor José Augusto, 203 – São José, Barbacena/MG, CEP:36205-108

Tel: (32) 3693-8923, FAX: (32)3693-8880

Email: [mestrado@unipac.br](mailto:mestrado@unipac.br)

## APÊNDICE C – Autorização dos pais ou responsáveis pelas crianças

---

### Autorização

Eu \_\_\_\_\_, domiciliado à \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, com RG nº \_\_\_\_\_, na condição de pai,  
mãe ou responsável legal por \_\_\_\_\_,  
com a idade de \_\_\_\_\_ anos, venho, por meio desta, autorizar:

- 1 – a participação do um filho em atividades que têm como objetivo observar interesses e sentimentos em relação à escola;
- 2 – a realização de tarefas, com fins puramente educacionais, que não interfiram ou agridam, de qualquer maneira, a relação da criança consigo mesma, com seus pares e familiares e com a escola.
- 3 – a exposição da imagem da criança, única e exclusivamente, em Dissertação de Mestrado e materiais de apresentação da mesma, desde que essas imagens não concorram para desqualificar, constranger ou categorizar negativamente a criança;
- 4 – a participação das crianças em atividades sempre obedecendo, fielmente, à vontade da mesma, que poderá interromper sua participação a qualquer tempo.
- 5 – a divulgação dos dados coletados para fins acadêmicos.

**Fica vedada:**

**A utilização do nome da criança ou de qualquer denominação que a identifique.**

Ressalte-se, ainda, que essa autorização obedece aos limites da criança, as premissas do Estatuto dos Direitos da Criança e do Adolescente, restringindo-se a tempo determinado e devendo os resultados do trabalho realizado serem apresentados aos pais e ou responsáveis.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de abril de 2008.

---

**Assinatura do pai, mãe ou responsável**

---

## APÊNDICE D – Questionário semi-estruturado aplicado a diretora e a supervisora

---

1. Dê um breve histórico da sua escola. (Data de fundação, origem do nome, histórico da escola em relação à cidade, mudanças, etc.).
  2. Apresente os dados estatísticos da escola. (Número de alunos, número de professores, número de funcionários, etc.).
  3. Existe uma proposta curricular na escola?
  4. Fale sobre o processo de sua elaboração:
    - Quando foi realizada.
    - Os atores que participaram da sua elaboração. Como se deu a escolha?
    - Tempo: organização (existência ou não de um cronograma)
    - Coleta de informações que subsidiaram a elaboração do currículo. Quais foram às informações buscadas?
    - Obstáculos
    - Conflitos
    - Proposta final: divulgada? Como? Para quem?
  5. Como você vê a escola em relação à vida real dos alunos:
    - Conhecimento que a escola tem sobre a realidade dos alunos
    - A seleção dos conteúdos e realidade dos alunos
    - Outras atividades educativas além dos conteúdos
    - As diferenças e a ação pedagógica
    - Exclusão/inclusão - situação na escola
    - Os efeitos da escola na vida dos alunos
  6. Fale sobre a supervisão pedagógica. Como ela se organiza?
  7. Fale sobre os tempos escolares: reuniões, horários, agrupamentos, trabalho coletivo
  8. Fale sobre as diferenças observadas por você entre esta escola em relação a outras escolas da Rede Pública.
-

## **APÊNDICE E - Questionário semi-estruturado aplicado às professoras**

---

- Dados pessoais: Formação acadêmica. Há quanto tempo exerce a função? E como professora da Rede Pública? E especificamente nesta escola? Trabalha em outra escola ou outro emprego? Qual? Alguma informação a mais sobre a sua experiência profissional.
  - Fale sobre a escola. O que a caracteriza? O que a diferencia das outras?
  - Como você caracteriza os alunos da escola?
  - O que é currículo, para você?
  - Como você define os conteúdos que trabalha na sua turma? O que privilegia na escolha? Você tem dificuldades? Quais? Existe alguma proposta curricular para o seu ciclo e/ou escola? Quem elaborou? Em caso afirmativo, baseia-se nela?
  - O que você sabe e como se posiciona sobre o debate atual acerca da necessidade da escola de entender e abarcar as culturas dos alunos?
  - De que maneira a cultura dos alunos é considerada pela escola? E por você em sala de aula?
  - Como você lida com as “diferenças”? Como se sente frente a isso? Como você lida com as dificuldades de aprendizagem dos seus alunos?
  - Como é o seu relacionamento com os alunos? E entre eles?
  - Fale sobre os projetos desenvolvidos em sua sala de aula. E os projetos institucionais?
  - Fale sobre a organização do trabalho da escola. Ela interfere na sua prática docente? Como?
  - Você adota livro didático? Em caso afirmativo, como desenvolve o trabalho com ele?
  - Relate alguma experiência sobre seu trabalho nesta escola. Há diferenças do trabalho que faz (fez) em outra escola onde trabalha (ou trabalhou)?
-

## **APÊNDICE F - Questionário semi-estruturado aplicado aos pais, mães ou responsáveis pelas crianças**

---

- Quantos filhos você tem na escola?
  - Em quais classes/ano/ciclo escolar?
  - Por que estão nesta escola? Como você escolheu e como conseguiu a matrícula?
  - Fale sobre a escola / O que você acha dela?
  - Você vê diferenças nesta escola em relação a outras? Quais? Como você sabe disso (como explica essa diferença?)
  - O que esta escola está fazendo pelo seu filho?
  - Você participa de atividades na escola? De que forma? Com que frequência? Você tem contato com quais pessoas nesta escola?
  - Você costuma ser chamada pela professora? Por qual motivo? Você vai quando é chamada?
  - Para você, a escola valoriza a realidade de vida do seu filho? De que forma?
  - Como você avalia a aprendizagem do seu filho?
  - O que você considera que seu filho mais gosta na escola? Por quê?
  - Existe algo na escola que não agrada a seu filho? E a você?
  - Existe alguma coisa na escola que você gostaria que fosse diferente?
  - Como você explica os resultados de aprendizagem de seu filho nesta escola?
-

## **APÊNDICE G - Questionário semi-estruturado aplicado aos alunos**

---

- Dados pessoais: Idade. Há quanto tempo frequenta a escola? Só estudou nesta escola? Quando aprendeu a ler?
  - Fale sobre a escola. Gosta de estudar? Como se comporta na sala de aula?
  - Você tem dificuldades? Em qual conteúdo você tem mais dificuldade? Por que?
  - Como você se sente frente a estas dificuldades?
  - Como é o seu relacionamento com os seus colegas? E com a professora?
  - Você faz as atividades de casa? O que você faz quando não esta na escola?
  - O que você acha que poderia ser feito para ajudar nas suas dificuldades na escola?
-